



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA CENTRO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
E EDUCAÇÃO

Beatriz Caroline Aparecida Rodrigues

**"Princesas em greve": As possibilidades da literatura infantil para educar crianças
feministas**

Sorocaba – SP
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA CENTRO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
E EDUCAÇÃO

**"Princesas em greve": As possibilidades da literatura infantil para educar
crianças feministas**

Beatriz Caroline Aparecida Rodrigues

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Pedagogia para obtenção
do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientação: Profa Dra Luciana Cristina
Salvatti Coutinho

Sorocaba – SP
2023

Rodrigues, Beatriz Caroline Aparecida

"Princesas em greve": As possibilidades da literatura infantil para educar crianças feministas / Beatriz Caroline Aparecida Rodrigues -- 2023. 75f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Luciana Cristina Salvatti Coutinho

Banca Examinadora: Geraldo Tadeu Souza, Rosana Batista Monteiro

Bibliografia

1. Literatura infantil. 2. Educação feminista. 3. Gênero. I. Rodrigues, Beatriz Caroline Aparecida. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

DEDICATÓRIA

Dedico essa pesquisa, primeiramente, a toda a pessoa que acredita na educação como um caminho para transformar o mundo e decidiu dedicar sua vida, seja da forma que for, a ela. E a todas as mulheres que buscam todos os dias destruir o patriarcado. A toda mulher feminista, seja as que estão em sala de aula, as que estão criando os filhos com igualdade de gênero, as que estão nas áreas de pesquisa ou política, a toda mulher que compreender que: Nós temos uma luta, pra já.

AGRADECIMENTOS

Gostaria mesmo é de poder abraçar todas as pessoas que de diferentes formas me apoiaram nessa jornada que foi a minha graduação, mas como isso não é possível fica aqui meu agradecimento:

Ao meu pai, Aggeu, que infelizmente não está presente para me ver concluir essa graduação, mas que foi meu maior incentivador a vida toda. Você nunca desistiu de mim pai, e ainda ilumina meus dias mais sombrios, obrigada.

A minha mãe, Celina, que foi a primeira mulher que foi uma referência para mim do que é ter força e também esteve ao meu lado o tempo todo. Obrigada por sempre me incentivar a estudar primeiro.

A minha orientadora, Luciana Coutinho, por ser além de uma professora excelente e uma orientadora extraordinária, uma pessoa maravilhosa e que não desistiu de me orientar nos últimos anos. Obrigada Luciana, por todo seu suporte, paciência e carinho.

A Thayne, a pessoa que a vida me permitiu chamar de irmã, a minha pessoa. Obrigada por ser paciente, por me apoiar, por ser honesta e não me apoiar quando o que eu precisava era de um puxão de orelha. Dividir esse percurso ao seu lado foi uma das coisas mais gratificantes.

Ao meu amigo, Lucio, pelo apoio e pela partilha de saberes sobre a educação, e por ter a paciência de ouvir cada reclamação e pensamento em voz alta e receber muitas fotos com cara de desespero.

Aos demais amigos e familiares que me apoiaram de diversas formas nessa jornada.

A UFSCar por me permitir construir um caminho longo e cheio de ensinamentos, possibilitar me transformar tanto e assim também transformar o mundo.

As professoras e professores que estiveram nessa jornada comigo e possibilitaram tanto aprendizado, em especial as professoras Rosana e Dulce e o professor Geraldo que além de serem professoras e professores nas disciplinas que cursei foram minhas orientadoras e meu orientador na monitoria e em projeto de extensão.

As minhas e aos meus colegas da pedagogia e de outros cursos, com quem dividi saberes, dúvidas e angústias, meu muito obrigada e continuem. A educação precisa de vocês. De nós.

~~a princesa~~ eu nasci
meio louca por livros.

podiam me encontrar acariciando
as lombadas dos meus livros

sozinha, trancada dentro
~~da minha torre~~ do meu quarto

o tempo todo, eu esperava que meus livros
derramassem suas palavras delicadas

sobre o exuberante tapete verde
para que eu pudesse recolhê-las uma a uma

e saboreá-las como se fossem
frutas vermelhas na minha boca.

- para sempre colecionadora de palavras
(Amanda Lovelace)

“O ato pedagógico é ato político. Nunca a educação
é neutra. Não há educação que se faça neutra. Toda
neutralidade afirmada é uma opção escondida.”

(Paulo Freire)

RESUMO

"Quais obras de literatura infantil usar em sala de aula para garantir as crianças uma educação feminista?" O presente trabalho se constrói em torno desse questionamento. A partir dele, surge a necessidade de buscar mapear e analisar as obras de literatura infantil que possam oferecer essa possibilidade. Para tanto, mostrou-se necessário iniciar o percurso com uma pesquisa bibliográfica para poder conceituar o uso da literatura infantil para a formação das crianças e como a consciência feminista se forma. Bem como buscar mapear obras de literatura infantil que de alguma forma abordassem temáticas do movimento feminista, como por exemplo: prevenção do abuso sexual, empoderamento, desconstrução do padrão de beleza, etc. e analisar, através do método de Análise de Conteúdo, as obras mostrando suas potencialidades. Ao longo da pesquisa concluiu-se que a literatura infantil é uma excelente ferramenta para uma formação crítica das crianças e jovens, e o mapeamento mostrou que temos excelentes obras disponíveis, as obras analisadas mostram-se competentes e cheias de possibilidades.

Palavras-chave: Literatura infantil; Educação feminista; Educação crítica; Gênero.

ABSTRACT

"Which children's literature works to use in the classroom to ensure a feminist education for children?" This work is built around this question. From it, there arises the need to search for and analyze children's literature works that can offer this possibility. For this purpose, it was necessary to start the journey with a bibliographic research to be able to conceptualize the use of children's literature for children's education and how the feminist identity is formed. It was also necessary to search for children's literature works that somehow addressed themes of the feminist movement, such as: prevention of sexual abuse, empowerment, deconstruction of beauty standards, etc., and analyze, through the Content Analysis method, the works showing their potentialities. Throughout the research, it was concluded that children's literature is an excellent tool for critical formation of children and youth, and the mapping showed that we have excellent works available, the analyzed works proved to be competent and full of possibilities

Keywords: Children's Literature; Feminist education; Critical education; Gender.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

OMS: Organização Mundial da Saúde

PNE: Plano Nacional de Educação

SciELO: Scientific Electronic Library Online

UFBA: Universidade Federal da Bahia

UFJF: Universidade Federal de Juiz de Fora

UFSCAR: Universidade Federal de São Carlos

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: APRESENTANDO O LIVRO PRINCESAS EM GREVE	43
FIGURA 2: O TRAÇO "QUE LEMBRA LÁPIS DE COR" DAS ILUSTRAÇÕES DE PRINCESAS EM GREVE	44
FIGURA 3: MONTAGEM “O LIVRO ABORDA A DIVERSIDADE DE MANEIRA POSITIVA”	46
FIGURA 4: APRESENTANDO O LIVRO MEU CORPO PODE.....	48
FIGURA 5: MOVIMENTO É CUIDADO E AMOR.....	50
FIGURA 6: IMAGENS TAMBÉM CONTAM HISTÓRIAS	51
FIGURA 7: APRESENTAÇÃO DO LIVRO A HISTÓRIA DE MALALA YOUSAFZAI	53
FIGURA 8: LER PARA REFLETIR	55
FIGURA 9: RESISTENCIA.....	56
FIGURA 10: APRESENTAÇÃO DO LIVRO MEU CORPO, MEU CORPINHO	58
FIGURA 11: VOCÊ TEM O PODER DE DIZER NÃO	61
FIGURA 12: EDUCAÇÃO SEXUAL SEM EROTIZAÇÃO	61
FIGURA 13: APRESENTAÇÃO DO LIVRO O CASACO DE PUPA.....	63
FIGURA 14: UM ELEMENTO FUNDAMENTAL NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA	64
FIGURA 15: AS ILUSTRAÇÕES DO LIVRO FALAM MAIS QUE SUAS PALAVRAS	65
FIGURA 16: USANDO CORES PARA EXPRESSAR EMOÇÕES	66
FIGURA 17: PUPA TAMBÉM CHAMADA DE CRISÁLIDA, É O ESTÁGIO INTERMEDIÁRIO ENTRE A LARVA E O ADULTO	66

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: CATEGORIZAÇÃO DAS OBRAS DE LITERATURA INFANTIL.	39
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: CATEGORIAS DE ANALISE	41
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. O PODER DA LITERATURA INFANTIL PARA O LETRAMENTO E FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	19
3. EDUCAR PARA TRANSFORMAR: A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FEMINISTA	25
3.1. NÃO SE NASCE MULHER, SE TORNA	25
3.2. FEMINISTAS SÃO FORMADAS	29
3.3. UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA	31
4. VAMOS TER HISTORINHA HOJE? PRINCESAS EM GREVE E OUTROS LIVROS	36
4.1. PERCURSO METODOLÓGICO	36
4.2. <i>PRINCESAS EM GREVE</i> DA AUTORA THAIS LINHARES	42
4.3. <i>MEU CORPO PODE</i> DAS AUTORAS KATIE CRENSHAW E ADY MESCHKE.....	47
4.4. <i>A HISTÓRIA DE MALALA YOUSAFZAI</i> DA AUTORA JOAN MARIE GALAT	52
4.5. <i>MEU CORPO, MEU CORPINHO</i> DA AUTORA ROSELI MENDONÇA.....	57
4.6. <i>O CASACO DE PUPA</i> DA AUTORA ELENA FERRÁNDIZ.....	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70

1. INTRODUÇÃO

“Não há divórcio entre a filosofia e a vida. Cada passo é uma escolha filosófica.”

Simone de Beauvoir

A literatura tem um papel fundamental na forma como conhecemos o mundo, ela nos possibilita fazer associações diretas com a nossa realidade. Não há povo e não há mulher ou homem que possa viver sem ela, ela nos propõe a possibilidade de viver dialeticamente os problemas de nossa sociedade, ela nos humaniza, e por isso tem sido um grande instrumento no processo educativo (CANDIDO, 1995).

Essa definição nos mostra que a literatura pode ser tanto um instrumento que possibilita reforçar a sociedade hegemônica como ser um que possibilite aos sujeitos construir conhecimento para superá-la, depende da forma que nós, professoras e professores, vamos usar essa ferramenta tão poderosa, e não há possibilidade de neutralidade, pois: “O ato pedagógico é ato político. Nunca a educação é neutra. Não há educação que se faça neutra. Toda neutralidade afirmada é uma opção escondida” (FREIRE, 1987).

Considerando esses apontamentos, torna indispensável que a literatura infantil retrate as diferentes identidades e representações existentes em nossa sociedade. Pois a literatura tem grande poder de dizer “o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado” (COSSON, 2006, p.18). Assim sendo é de suma importância que a literatura infantil que escolhemos, enquanto professoras e professores, possa garantir que as crianças compreendam sua identidade por meio de uma variedade de leituras de mundo e não apenas com os modelos impostos pela hegemonia.

Além disso, a escolha de livros infantis que sejam contra hegemônicos também possibilita que nossas crianças compreendam as identidades de outros sujeitos e outros povos e, assim, possam respeitá-las, que possam viver e lidar com as diferenças de raça e etnia, de gênero, religião e outras definições socioculturais. (JESUS, MORAES, 2021).

A literatura infantil, em sua maioria escrita por adultos, carrega muitos valores, crenças, condutas, ideias, pois nenhum livro, e até mesmo as ilustrações presentes neles, é neutro. Como aponta Pícolo (2016, p. 38): “Enquanto prática social, a Literatura Infantil não é neutra, tanto pode legitimar condutas desejadas socialmente, reafirmar estereótipos, quanto emancipar e fazer com que seu leitor reflita sobre elas, pois traz em seus textos forte carga ideológica” e

isso possibilita que as crianças conheçam o mundo, suas contradições e construam uma visão crítica do mundo.

A partir dessas reflexões, essa pesquisa emerge da necessidade de mapearmos obras de literatura infantil que ofereçam essa possibilidade, com um recorte para as questões de gênero pois nosso cenário de desigualdade de gênero só evidencia a necessidade de uma educação feminista.

Pois, apesar dos avanços obtidos pelos movimentos feministas nas últimas décadas, a igualdade de direitos entre homens e mulheres ainda não é uma realidade no Brasil. As mulheres brasileiras enfrentam desigualdades em várias áreas, como no mercado de trabalho, onde recebem salários menores que os homens, além de serem sub representadas em posições de liderança.

Os dados de violência contra a mulher reforçam ainda mais a necessidade de pesquisas que busquem a construção de uma sociedade com igualdade de gênero. Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), uma a cada três mulheres no mundo já sofreu violência sexual e ou física pelo parceiro ou por terceiros ao menos uma vez na vida. Olhando para o Brasil, o cenário não melhora. Segundo a Folha de São Paulo (CUBAS; ZAREMBA; AMÂNCIO, 2019), o Brasil registra um caso de agressão contra a mulher a cada quatro minutos.

Uma outra série de dados extremamente relevante para o nosso trabalho, pois olha exatamente para as crianças, são os apresentados pela pesquisa realizada pela *Plan International* em 2014, intitulada “Por Ser Menina no Brasil: Crescendo Entre Direitos e Violências”. Nesta pesquisa, a *Plan International* tinha como objetivo entender as diferenças em relação ao trabalho doméstico entre meninas e meninos. A pesquisa foi realizada com meninas e meninos de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil e mostrou que:

A distribuição de tarefas ou dos afazeres domésticos entre meninas/adolescentes e meninos/adolescentes revela uma gritante desigualdade de gênero no espaço doméstico. Enquanto 81,4% das meninas arrumam sua própria cama, 76,8% lavam louça e 65,6% limpam a casa, apenas 11,6% dos seus irmãos homens arrumam a sua própria cama, 12,5% dos seus irmãos homens lavam a louça e 11,4% dos seus irmãos homens limpam a casa. (PLAN INTERNATIONAL, 2014, p.10)

Além disso, outro fator extremamente importante de pontuar é que, nos últimos anos, houveram muitos retrocessos em relação às questões de gênero, como por exemplo a retirada do termo gênero, com alegação que essa temática destroem os modelos de famílias tradicionais,

do Plano Nacional de Educação 2014- 2024 (PNE) que dita as diretrizes e metas da educação para os próximos dez anos.

Os dados apresentados nos mostram uma realidade alarmante. Diante disso, é necessário um compromisso contínuo para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento feminino. É imprescindível buscarmos de todas as formas, em todos os setores da sociedade, lutar para transformar essa realidade.

E como argumenta a pesquisadora feminista hooks¹(2018), a construção da consciência feminista é resultado de um processo formativo e não é inata. Isso realça a importância de uma educação que proporcione às crianças a oportunidade de repensar e desconstruir as normas de gênero, a fim de visualizar a figura feminina com os mesmos direitos e conhecimentos que o homem. Por conseguinte, essa educação crítica e transformadora pode ter um impacto significativo na luta pela igualdade de gênero na sociedade.

Há diversas formas de buscar garantir uma educação transformadora, nesta pesquisa o foco para a literatura infantil se dá por duas principais causas. A primeira, já apresentada, é de que a literatura infantil é uma grande porta para construir a forma como as crianças veem a si mesmas e o mundo, pois:

Acredita ser esta uma forma de comunicação privilegiada em nossa cultura letrada, e que seus personagens infantis (ou animais antropomorfizados), permitem que o pequeno leitor estabeleça um contato com as questões pertencentes a sociedade. (PÍCOLI, 2016, p.13)

Garantir, então, que o material oferecido a elas seja um material que possibilite construir uma sociedade pautada na igualdade entre os gêneros é fundamental no processo educacional, “porque, ao entrar em contato com o texto, a criança ainda não apresenta elementos suficientes para questionar o que lhe está sendo apresentado.” (PÍCOLI, 2016, p.38) Cabe a nós professoras e professores oferecer diversas opções, e opções que mostrem as diversas visões de mundo.

A segunda é que apesar das grandes possibilidades que literatura infantil oferece, uma breve pesquisa em alguns dos principais bancos de dados de pesquisa, tais como Repositório institucional UFJF, Biblioteca digital Brasileira de Teses e Dissertações, SciELO, Periódicos da CAPES, que foram escolhidos pois esses repositórios de publicação de artigos e pesquisas

¹ bell hooks é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa. E por esta razão, apesar das normas da ABNT, optamos por respeitar o posicionamento da autora.

acadêmicas são amplamente conhecidos por sua credibilidade e rigor científico, e bastante reconhecidos pelas instituições de formação de professoras e professores, mostraram que a intersecção entre as duas temáticas ainda é pouco discutida.

Ao realizar a pesquisa buscando pelos descritores “literatura infantil e igualdade de gênero”, ou, “literatura infantil e feminismo” foram encontrados principalmente trabalhos que abordavam apenas a literatura infantil. Poucos artigos, dissertações e teses foram encontrados contendo a intersecção das duas temáticas buscadas e, quando encontrados, eram principalmente trabalhos em espanhol.

Para realizar a pesquisa proposta é importante compreender que uma pesquisa científica necessita de “rigorosa fundamentação epistemológica, com uma clara posição teórica do pesquisador” (UTTA, UTTA, GONZÁLEZ, 2019).

Uma pesquisa científica requer uma ação pensada e sistematizada, não se constrói ciência sem uma série de passos a serem seguidos, sem método não se chega ao resultado científico.

Nesta pesquisa os procedimentos metodológicos adotados caracterizam-se por uma pesquisa exploratória, objetivando proporcionar mais familiaridade com o problema, com abordagem qualitativa, pois “a pesquisa qualitativa preocupa-se com fatos da sociedade que estão centrados na interpretação e explicação da dinâmica das relações sociais” (SOUZA; SANTOS; 2020; p.1398) e envolve dois procedimentos técnicos: bibliográfico e documental, constituindo-se assim em uma pesquisa básica.

Essa pesquisa se deu através das seguintes trajetórias, partindo do conhecimento adquirido durante toda a formação acadêmica no curso de Pedagogia, do gosto pessoal pela leitura e do interesse pelos estudos referentes a igualdade de gênero. Iniciamos por uma exploração nos materiais disponíveis, seguido por um planejamento de pesquisa, que incluiu buscar compreender se a pesquisa se justificava e estipular objetivos.

E assim definimos que este trabalho pretende: Mapear obras de literatura infantil que possibilitem uma educação feminista, demonstrar a importância da literatura infantil para a formação das crianças, debater a importância de uma educação para a igualdade de gênero e analisar obras de literatura infantil e demonstrar suas possibilidades para uma educação feminista.

A revisão biográfica se deu de duas formas. A primeira através das pesquisas em bancos de dados², onde após a leitura dos resumos foram selecionados artigos, dissertações e teses que pudessem colaborar com a discussão e, segundo, através de livros que foram conhecidos durante o processo de graduação.

Com relação aos livros de literatura infantil, a seleção se iniciou por buscar livros que falassem sobre as questões de gênero. Optamos por selecionar apenas cinco devido a demanda de trabalho que as análises necessitam e do tempo disponível para a realização desse trabalho e, também, porque a intenção dessa pesquisa é que ela seja apenas exploratória.

Para selecionar os cinco livros o critério de seleção usado foi buscar livros que apresentassem diferentes pautas do movimento feminista (prevenção ao abuso sexual, direitos iguais no trabalho, aceitação e reconhecimento dos diferentes tipos de corpos, sororidade, empoderamento feminino) e que tivessem diferentes classificações indicativas, desde a educação infantil até o ensino fundamental – anos iniciais (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental).

Os cinco títulos de literatura infantil selecionados então foram: *Princesas em greve* da autora Thais Linhares, *Meu corpo pode* da autora Katie Crenshaw, *A história de Malala Yousafzai* da autora Joan Marie Galat, *Meu corpo, meu corpinho* da autora Roseli Mendonça, *O casaco de pupa* da autora Elena Ferrándiz.

A análise dos livros de literatura infantil foi realizada usando como abordagem o método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, entendido como um conjunto de instrumentos metodológicos que por meio da:

[...] análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2004, p. 41).

Diversas pesquisadoras e diversos pesquisadores contribuíram para elucidar nossa discussão, sendo os principais com relação ao conceito de gênero: Chimamanda Ngozi Adichie e bell hooks. Com relação a literatura infantil e letramento literário: Lígia Cademartori e Márcia Mariana Santos de Oliveira. Com relação a metodologia: Laurence Bardin. E em relação ao todo trabalho sempre em mente as contribuições de Paulo Freire, que são fundamentais para uma educação transformadora.

² Os bancos de dados usados foram: Repositório institucional UFJF, Biblioteca digital Brasileira de Teses e Dissertações, SciELO, Periódicos da CAPES.

Neste primeiro capítulo o principal objetivo é apresentar a pesquisa, apresentando a temática, os objetivos, justificativa e metodologia que possibilitou o percurso realizado.

No capítulo dois, intitulado “O poder da literatura infantil para o letramento e formação das crianças” buscaremos realizar uma breve discussão sobre a importância do letramento literário para a alfabetização e formação das crianças.

No capítulo três, intitulado “Educar para transformar: a formação da consciência feminista”, o principal objetivo é apresentar os conceitos em relação a igualdade de gênero que elucidam nossa pesquisa.

No capítulo quatro, intitulado “Vamos ter historinha hoje? Princesas em greve e outros livros”, estarão as análises dos livros selecionados ao realizar o mapeamento. O capítulo é dividindo em subcategorias, sendo uma delas para cada livro.

E, por último, as considerações finais, onde apontaremos os resultados que a pesquisa proporcionará e os novos questionamentos que trouxer.

2. O PODER DA LITERATURA INFANTIL PARA O LETRAMENTO E FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.

“Ler é inteirar-se de outras proposições, é confrontar-se com outros destinos, é transformar-se a partir da experiência vivenciada pelo outro e referendada pelo fruidor. Existe, pois, ação educativa maior de que está de formar leitores?”

Bartolomeu Campos de Queirós

A alfabetização, segundo Tfouni (1995), “refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem” (p. 9). Porém, a alfabetização isolada faz com que as pessoas apenas aprendam a ler e escrever, se tornem alfabetizados, mas não necessariamente indivíduos letrados, como afirmam Coelho e Castro (2010):

Estado ou condição são palavras importantes para que se compreendam as diferenças entre analfabeto, alfabetizado e letrado; o pressuposto é que quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição. (COELHO, CASTRO, 2010, p.80)

Nosso objetivo enquanto professoras e professores deve sempre ser o de garantir que nossos alunos possam ser pessoas letradas, e “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (SOARES, 2003, p. 23).

Garantir um processo educativo que forme pessoas capazes de questionar o mundo em que vivem, de olhar com criticidade para nossa sociedade e com capacidade para transformá-la, deveria ser a finalidade de nossa atuação. Isso porque “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2014, p. 28). E para realizar tal objetivo o processo de alfabetização não pode ser um processo isolado, ele precisa andar lado a lado com o processo de letramento, pois o “letramento representa os diversos meios da prática social em que a escrita se faz presente” (LUIZATO, 2003, p. 72.).

E o processo de letramento não se inicia apenas com a entrada da criança no ambiente escolar, apesar de este ser um dos principais espaços onde ele acontece. O processo de letramento se dá por toda a vida da criança em todos os ambientes de socialização, seja com a família, na igreja, ou outros espaços que a criança frequente, pois em todos esses espaços se encontram diversos gêneros textuais. Pode ser um jornal, uma revista em algum canto da casa ou que a criança viu ao andar pela cidade, uma receita médica, uma manchete na própria

televisão, os cartazes nas igrejas, o texto faz parte de tudo em nossa sociedade. Esse processo terá graus diferentes dependendo do contexto de vida de cada criança, mas ele ocorre, antes da criança chegar à escola e durante toda sua formação escolar ela ainda terá esses processos de letramento informal. Como explica Luizato (2003):

[...] acredita-se que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois as pessoas, em todos os momentos, participam, de alguma forma, de algumas dessas práticas, ou seja, desde pequenas estão em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto, como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas de ônibus, etc., iniciando-se no conhecimento desses materiais gráficos antes mesmo de ingressarem na instituição educativa, não esperando permissão dos adultos para começarem a pensar sobre a escrita e seus usos. (LUIZATO, 2003, p. 71).

E é papel da escola abraçar esses conhecimentos já adquiridos pelas crianças, reconhecer seus saberes, suas vivências, como aponta a própria BNCC (Base Nacional Comum Curricular):

Ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade e articulá-los em suas propostas pedagógicas, [a escola] tem o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2017, p. 36).

Ao reconhecer as vivências das crianças, a professora e professor olham para o contexto em que eles estão inseridos e poderão oferecer as crianças materiais para o seu processo de letramento que os ajudem a compreender a sua realidade, a olhar com criticidade para o próprio contexto e o mundo onde ele está inserido. Pois “[...] **a alfabetização como ato de conhecimento**, como ato criador, e **como ato político** é um esforço **de leitura do mundo** e da palavra” (FREIRE, 2011, p. 33, grifo nosso).

A escola será, como mencionado, o principal espaço onde o letramento irá acontecer, principalmente feito de forma avaliada e com criticidade, com o objetivo de fornecer as crianças diversas visões de mundo, para que assim elas possam construir suas próprias interpretações, pois as crianças são seres pensantes e nosso papel é de construir espaço para que elas possam construir seus próprios conhecimentos. É papel da professora e do professor “ver a criança a ser alfabetizada e letrada como alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu, portanto um ser capaz de construir seu próprio conhecimento” (COELHO, CASTRO, 2010, p.83).

Uma das grandes ferramentas que podemos usar para o processo de letramento é a literatura infantil, considerando que “além de aproximar as crianças do mundo letrado, a leitura alimenta o imaginário e incorpora essas experiências à brincadeira, ao desenho e às histórias que todos gostam de contar.” (COELHO, CASTRO, 2010, p.83)

Desde a educação infantil até a graduação, ou outros espaços de formação, a literatura pode ser uma fonte de saber inesgotável, ela é de extrema importância no processo escolar e social, ela é a base no processo de alfabetização e por esta razão é de suma importância que nós, professoras e professores, busquemos garantir que nossas crianças criem gosto pela leitura, que usemos a literatura infantil como uma porta de entrada para que o universo literário faça parte de toda a vida da criança, pois é ela “que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.” (COELHO, 2000, p. 27)

A literatura infantil possibilita que a criança explore e conheça o mundo, os significados historicamente construídos e os conhecimentos textuais necessários para o letramento e a alfabetização, e, “quanto mais acesso a diversos tipos de textos e práticas letradas, mais fácil será sua compreensão na leitura e na expectativa em relação aos textos que irá ouvir.” (OLIVEIRA, 2017, p. 16)

Nas escolas, e principalmente na educação infantil e fundamental – anos iniciais, “as práticas de leitura literária precisam ser significativas, envolventes e instigantes, proporcionando o prazer estético e o contato das crianças com o texto literário. (OLIVEIRA, 2017, p.42)

Esse contato com a literatura infantil deveria existir antes mesmo que a criança aprendesse a ler, com a contação de histórias em diversas formas. Como aponta Cademartori (2010, p.73), o

[...] contato inicial com a literatura não exige o domínio do código escrito. A experiência pré-escolar, geralmente, põe na bagagem infantil narrativas orais – clássicas e populares – versos, trava-línguas, adivinhas e muitas outras manifestações ricas em ludismo sonoro e semântico.

Além disso, a própria criança pode ler sozinha, ou uma para a outra, através das ilustrações dos livros, quando esses forem selecionados com cuidado e de forma adequada à idade dela, pois os “livros infantis indicados para leitores principiantes apresentam poucas palavras e as ilustrações carregam as ações da narrativa formando assim o texto da história e permitindo-lhes a experiência de leitores” (AMARILHA, 2009, p.41).

Proporcionar às crianças a oportunidade de ler sozinha possibilita a construção da autonomia, e pode até ajudar no processo de criar gosto pela leitura, pois ela entenderá que é uma atividade que pode até mesmo realizar sozinha. É importante também selecionar livros que façam sentido às crianças, como aponta Cademartori (2010, p. 17):

As obras infantis que respeitam seu público são aquelas cujos textos tem potencial para permitir ao leitor infantil possibilidade ampla de atribuição de sentidos àquilo que lê. A literatura infantil, digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos.

Esses contatos possibilitam que o processo de letramento da criança seja feito com materiais que não tem só a intenção de fazer aprender a ler, mas com materiais que ofereçam à criança conhecimento sobre o mundo, que as faça compreender que a literatura é uma ferramenta muito mais importante do que apenas textos que o ajudaram a ler, escrever e apreender ortografia, que o processo de letramento contribua para a formação de leitoras e leitores. Essa importância já se encontra presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que aponta que:

Para aprender a ler, é preciso que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler — com os textos de verdade, portanto. Os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons para aprender a ler: têm servido apenas para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura. (BRASIL, 1997, p. 42)

E nosso objetivo enquanto professoras e professores deveria ser para além de ensinar a ler, mas sim de ensinar as potencialidades da leitura, de transformar nossas crianças em leitoras e leitores ao longo da vida. E como explica Oliveira (2017), o grande desafio em formar leitoras e leitores não está apenas em oferecer os livros e espaços para elas e eles lerem, mas sim o de aproximar a leitora e o leitor do que lê.

O desafio que se coloca na formação de leitores literários contemporâneos está não apenas na distribuição dos acervos ou na difusão de políticas públicas, mas sim na constituição dos espaços de leitura, nas concepções dos formadores de leitores e na apropriação pelo leitor daquilo que se lê, a que se tem acesso, considerando a leitura como ato de significação que aproxima o leitor do mundo e de si próprio. (OLIVEIRA, 2017, p.22)

Os livros escolhidos para trabalhar com as crianças e a forma como trabalhamos precisam das mediações socioculturais entre o que as crianças estão lendo e os livros, precisam “aproximam o leitor de si mesmo, dos outros e do mundo, contribuindo para a construção dos próprios sujeitos” (OLIVEIRA, 2017, p.23). E como em sua maioria as crianças começam a

ter contato com os livros na escola, é “imprescindível que a escola, por meio das práticas de letramentos, crie possibilidades de formação de leitores que sejam aptos a participar e transformar o mundo em que vivem” (OLIVEIRA, 2017, p.42).

A literatura infantil irá contribuir para que as crianças aprendam a ler, “a criança que costuma ler, que gosta de livros de histórias ou de poesia, geralmente escreve melhor e dispõe de um repertório mais amplo de informações, sim.” (CADEMARTORI, 2010, p. 9). O que pontuamos é que esse não deveria ser o principal objetivo, pois entendemos que a principal função da literatura infantil no processo de escolarização é a de formação cultural dos sujeitos.

Essa escolarização precisa ocorrer de modo adequado, que conduza às práticas efetivas de leitura literária, as quais busquem a formação cultural dos sujeitos que delas participam como forma única de experiência de mundo e de nós mesmos, possibilitando, assim, a construção literária de sentidos.” (OLIVEIRA, 2017, p.41)

A literatura é um fator indispensável na formação dos sujeitos, pois nela “cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas” (CANDIDO, 1995, p. 177). Cosson (2006, p. 17) também nos leva a compreender como a literatura é fundamental na formação dos sujeitos, pois “a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, [...] tem a função maior de tornar o mundo mais compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”.

A literatura infantil não apenas auxilia na formação dos sujeitos por sua potencialidade de transmitir uma forma de conhecimento. Ela permite que a criança, ao ler, compreenda um padrão para interpretar o mundo, através da visão de mundo do autor e de seu narrador a criança vivencia o mundo. A literatura infantil

[...] recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta, sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido. (CADEMARTORI, 2010, p.23)

A literatura infantil oferece todas essas possibilidades, pois como Candido (1995) nos ajuda a compreender, a literatura é complexa e essa complexidade é o que a torna cheia de possibilidades. Segundo o autor (1995, p. 178):

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

A atuação simultânea dessas três facetas mostra como a literatura pode ser uma grande ferramenta para que possamos compreender os problemas e contradições da nossa sociedade, para que possamos olhar o mundo de forma crítica. E, também, como podemos trabalhar com a literatura para construir um diálogo com as crianças sobre as contradições sociais, pois a literatura possibilita “vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 176) e buscamos que no futuro essas crianças sejam sujeitos críticos e preparados para transformar a realidade. Defendemos, assim, como aponta Freire (2011, p. 30), que “a leitura da palavra não é apenas procedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” .

3. EDUCAR PARA TRANSFORMAR: A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FEMINISTA

A construção da consciência feminista passa por um processo de reflexão crítica sobre as relações de poder que permeiam a sociedade. É necessário que as mulheres e os homens compreendam que as desigualdades de gênero não são naturais, mas sim construídas socialmente. Assim, neste capítulo buscaremos abordar como se originaram as opressões de gênero, como a consciência feminista é formada e como a educação tem um papel crucial nesse processo de construção de uma consciência feminista, na medida em que permite o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação às desigualdades de gênero e a busca por transformações sociais.

O capítulo é dividido em três tópicos principais, o primeiro tópico, intitulado "Não se nasce mulher, se torna", explora a ideia de que a identidade de gênero é uma construção social, e que os papéis de gênero são impostos pela sociedade. O segundo tópico, "Feministas são formadas", destaca a importância da formação do pensamento feminista e como isso pode ser alcançado por meio de uma educação crítica e transformadora. Já o terceiro tópico, "Uma educação feminista", discute a importância de uma educação que promova a igualdade de gênero e o empoderamento feminino.

Em conjunto, consideramos que esses tópicos possam demonstrar como a educação pode possibilitar que as crianças ressignifiquem os papéis de gênero, que enxerguem a figura feminina com igualdade de saberes e direitos ao homem, e que promova a formação de uma consciência feminista crítica e transformadora.

3.1. NÃO SE NASCE MULHER, SE TORNA

Simone de Beauvoir em sua obra **O Segundo Sexo**, de 1949, buscou investigar as respostas para as questões: "O que é ser mulher?", "Quais são as diferenças entre as mulheres e os homens?", e apontou que, ao longo do tempo, definições simplistas e sem base científica, como a de que as mulheres são vulneráveis ou que nasceram para fazer tarefas domésticas, estão sendo usadas para reprimi-las.

Para Beauvoir (1949), as opiniões pessoais são social e culturalmente geradas. Não nascemos, somos socializados, nascemos fêmea e somos socializadas como mulheres, com os papéis sociais socialmente construídos para nós.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; **é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente** a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 1949, p. 09, grifo nosso)

Em nossa configuração social, esses papéis socialmente impostos às mulheres (maternidade, feminilidade, submissão, etc.) servem para que os homens continuem sendo a classe dominante. “As mulheres são subordinadas aos homens enquanto homens, ou enquanto fraternidade” (PATEMAN, 1993, p. 18).

E esse fenômeno social de opressão das mulheres não nasce naturalmente e nem com o advento do capitalismo, esse fenômeno de opressão de gênero tem raízes históricas na instituição do patriarcado, uma constituição social que garante aos homens poder e superioridade às mulheres, como explica Gomes (2019, p. 01):

O patriarcado é um sistema de poder e privilégios que garante superioridade e soberania ao homem nas relações sociais, destinando à mulher, por sua vez, um lugar de submissão e inferioridade. Não é um fenômeno natural, que progressivamente desenvolveu-se nas sociedades, baseado nas características físicas da espécie humana, mas sim um complexo ideológico que demorou milhares de anos para ser implementado e foi impulsionado por interesses de determinados grupos em todas as fases da história da humanidade.

Como mencionado, o patriarcado não surgiu com o sistema capitalista, é um sistema de opressão que esteve presente em outras estruturas da nossa sociedade e, como aponta Gomes (2019), não se originou naturalmente, ele tem origem material, foi socialmente construído e seu desenvolvimento, segundo extensa pesquisa antropológica realizada por D’Eaubonne (1977), se iniciou entre 6.500 a 7.000 anos, em decorrência de “[...] duas grandes descobertas essenciais da humanidade: o conhecimento de que o homem participava no processo da fecundação, gerando novos seres humanos e o controle da fertilidade do solo com equipamentos e técnicas agrícolas” (GOMES, 2019, p. 02-03).

O controle da agricultura, que foi descoberta pelas mulheres³, levou os homens ao interesse pela posse de terras, a posse deixou de ser coletiva, e inicia-se uma nova configuração social, onde se começa delinear a noção de propriedade privada. Esse controle, essa dominação, sobre as terras e os animais passou a fazer parte também das relações sociais, fator decisivo para a formação do patriarcado.

³ “Da inteligência das mulheres que se descobriu que algumas sementes nasciam e outras serviam para comer. Daí surgiu a agricultura, as colheitas, a fartura”, conta em entrevista ao site século diário a agricultora Selene Hammer Tesch, presidente da Associação de Agricultoras e Agricultores de Produção Orgânica Familiar de Santa Maria de Jetibá (Espírito Santo). Acesso realizado em: 14 de fevereiro de 2023.

A posse da terra deixa de ser coletiva e surgem os excedentes, na apropriação dos quais, justamente, surge a noção de propriedade privada. Com a agricultura, o sedentarismo e a posse de terras, projetam-se novas relações sociais; há a domesticação de animais e o homem descobre que tem participação no processo de produção de novos indivíduos, começando assim a se delinear os sistemas de poder masculino. (GOMES, 2019, p. 05)

Antes da percepção de que o homem desempenhava um papel no processo da fecundação, as mulheres eram consideradas as únicas responsáveis e os seres humanos acreditam que esse era um “dom natural” destinado apenas a elas, o que elevava o *status* social da mulher.

O mistério da procriação deu poderes e elevou o status da mulher nas sociedades da era paleolítica, pois nesta época os humanos acreditavam que os machos não eram responsáveis por este fenômeno e que as fêmeas eram as únicas com o “dom natural” da reprodução. Elas eram consideradas seres mágicos e havia uma representação do feminino como divindade responsável pela fertilidade. (GOMES, 2019, p. 03).

Como a concepção era considerada um “dom natural” apenas das mulheres, a constituição de família era em torno do círculo familiar da mãe, “[...] em todas as formas de família por grupos, não se pode saber com certeza quem é o pai de uma criança, mas sabe-se quem é a mãe” (ENGELS, 2012, p. 59-60).

A descoberta dos homens do seu papel na fecundação consolidou o patriarcado, pois levou os homens a uma batalha para a modificação da linhagem materna para a linhagem paterna, uma batalha para desacreditar o direito materno. Com essa modificação na ordem de filiação e herança, o homem precisa garantir a paternidade, como demonstra Gomes (2019) baseando-se em estudo de Engels:

O poder patriarcal consolida-se pela queda do direito materno que, na visão de Engels (2012), representa a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. Agora com a descendência e a herança sendo estabelecidos pelo homem, a incerteza da legitimidade da paternidade torna-se um grande problema, induzindo o homem a tomar a liberdade de sua mulher, para que pudesse ter alguma segurança quanto aos seus descendentes. (GOMES, 2019, p. 03).

Essa mudança nas relações sociais transforma as relações harmoniosas e equilibradas que os seres humanos mantinham. Pode-se ver, a partir dessas transformações, relações sociais baseadas no controle, na dominação, principalmente da mulher, devido a sua maternidade. O patriarcado, então, “[...] se estabelece apoiando-se na instituição da célula familiar e na noção de herança.” (GOMES, 2019, p. 05)

Esse processo não aconteceu sem resistência por parte das mulheres e não foi um processo simultâneo em todo o mundo, mas aos poucos o processo de apropriação do homem

sobre a mulher se estabeleceu e não apenas de maneira física, mas principalmente mental, em sua totalidade. Usando das relações de poder, a dominação do homem sobre a mulher vai se mantendo e se consolidando, se naturaliza. Com a construção da ideologia do patriarcado nascem as concepções de que as diferenças entre os sexos são naturais, são fatores biológicos e não sociais, uma ideologia biologizante que exclui todos os fatores históricos.

A identidade de gênero é socialmente construída, a inferioridade feminina é uma construção, e essa construção social se intensificou ainda mais com o capitalismo, com a concentração da riqueza e dos meios de produção, o domínio e exploração do patriarcado se intensificou, o domínio sobre as mulheres tornou-se mais arbitrário.

As desvantagens sociais de que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à a sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que o masculino. (SAFFIOTI, 2013, p. 67)

Todas as mulheres foram afetadas de modo diferente, pois as opressões se manifestam de diferentes formas a depender da classe, da raça e da etnia. As mulheres pobres principalmente, pois precisaram vender sua força de trabalho em um cenário desigual e excludente, onde na mesma função ganhava menos que os homens, questão que se vê presente ainda hoje. Além disso, a sobrecarga sempre foi gigantesca, pois além de vender sua força de trabalho, as mulheres pobres ainda precisam realizar o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos, que deixou de ser visto como trabalho e sim como tarefa “natural das mulheres”. Nesse contexto:

[O trabalho doméstico] não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. **O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado.** (FEDERICI, 2019, p. 42-43, grifo nosso).

No nosso cenário atual, apesar de toda a luta do movimento feminista, a opressão sofrida pelas mulheres ainda está presente. Presente ainda na diferença salarial, nas políticas públicas de controle da sexualidade, nos índices de violência. Presente no controle da maternidade, que até hoje é apoiado pelo Estado, que “apesar da suposta laicidade, continua apoiando-se em preceitos religiosos e ideológicos para condenar social e criminalmente as mulheres que escolhem não ter filhos.” (GOMES, 2019, p. 11).

E dos preceitos religiosos, dos mitos religiosos vigorosamente revividos que, segundo Saffioti (2013, 179), “a sociedade costuma lançar mão para impedir ou retardar a emancipação de uma categoria social que se impõe a tarefa de libertação. Assim aconteceu com os negros, assim ocorreu e ocorre com as mulheres, assim é com os nativos dos países sob o colonialismo.”.

A luta feminista, desde que o “feminino” se tornou sinônimo de “um lugar de submissão aos homens”, segue sendo imprescindível. É necessário seguir buscando, através da luta política, a emancipação feminina, sem nunca esquecer que uma real igualdade só é possível sem opressão de raça, etnia, classe ou sexo, pois não existe um feminismo revolucionário que possa ser autônomo, desvinculado da luta de classe e da luta contra o racismo.

3.2. FEMINISTAS SÃO FORMADAS

Assim como não nascemos mulheres, somos socializadas, não nascemos feministas. “Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o “privilégio⁴” de ter nascido do sexo feminino.” (hooks, 2018, p. 23). A construção da consciência feminista é um processo, e um processo que não é fácil, pois as opressões sofridas pelas mulheres estão tão enraizadas que as reproduzimos, e somos também sexistas umas com as outras, a diferença é que não nos beneficiamos com sexismo como os homens. Como explica hooks (2018):

Quando mulheres se organizaram pela primeira vez em grupos para juntas, conversar sobre questões relacionadas ao sexismo e à dominação masculina, elas foram claras quanto ao fato de que **mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores sexistas quanto os homens. A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as mulheres** e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado. (hooks, 2018, p. 23, grifo nosso).

A formação da consciência feminista inicia-se então pela tomada de consciência do lugar submisso que o patriarcado designa a mulher, na percepção de que nossa sociedade é sexista e esse sexismo está enraizado até mesmo em nós, mulheres. A tomada de consciência é o primeiro passo, pois:

Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisávamos criar consciência. A conscientização feminista revolucionária

⁴ hooks usa nessa citação a palavra privilégio sem aspas, porém consideramos importante frisar que não pode haver privilégio em ser mulher num mundo onde a regra é o patriarcado. Que tipo de poder teriam as “mulheres” para serem consideradas privilegiadas?

ênfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido. Compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas. (hooks, 2018, p. 23).

Entendemos como feminismo revolucionário um movimento coletivo de mulheres que tenha por objetivo a destruição do patriarcado, que busque acabar com o status de segundo sexo designado a mulher. Um movimento que entenda que apenas reformas não trazem mudanças estruturais em nossa condição, que devemos sim participar de lutas onde o objetivo sejam reformas políticas e sociais, mas que o nosso objetivo final seja uma nova configuração social buscando a raiz do problema de opção da mulher, buscando uma sociedade onde não exista sexismo, como diz Robin Morgan “Eu acredito que o sexismo é a raiz da opressão”. (MORGAN *apud* ROWLAND; KLEIN, 1997, p. 02)

Assim, o movimento feminista é um movimento no qual o sujeito são as mulheres, mulheres negras, mulheres brancas, mulheres amarelas, mulheres indígenas, mulheres de todas as sexualidades e classes. Mulheres em suas diversas e múltiplas identidades, sendo de extrema importância que o movimento feminista aborde essas diferenças, pois é necessário tomarmos consciência também das outras opressões que nós, ou outros grupos de mulheres sofrem. Movimentos assim são importantes porque, “enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo”. (hooks, 2018, p. 30).

Apesar de movimento feminista ter como sujeito as mulheres, é importante pontuar que o feminismo não é um movimento anti-homem, o feminismo é um movimento anti-sexismo. Feministas não se organizam para ficar contra homens, se organizam para proteger os interesses das mulheres, para lutar pela vida das mulheres. “O pensamento e o comportamento sexistas são as ameaças, os inimigos” (hooks, 2018, p. 27), não os homens. O feminismo para ser de fato um movimento revolucionário e que possibilite a destruição do patriarcado não exclui os homens, eles apenas não são os protagonistas da luta, mas é importante que estejam incluídos.

Sim, o movimento feminista é para todos, incluindo homens. O feminismo é um movimento que busca alcançar a igualdade de gênero entre homens e mulheres, combater o sexismo e a desigualdade. E, apesar de os homens estarem em uma posição de poder na sociedade patriarcal, eles também são afetados pelo sexismo, de maneira diferente das mulheres, mas são. Como aponta hooks (2018, p. 26),

Conscientização feminista para homens é tão essencial para o movimento revolucionário quanto os grupos para mulheres. Se tivesse havido ênfase em grupos para homens, que ensinassem garotos e homens sobre o que é sexismo e como ele pode ser transformado, teria sido impossível para a mídia de massa desenhar o movimento como sendo anti-homem. Teria também prevenido a formação de um movimento antifeminista de homens.

Sem aliados homens, o movimento feminista não consegue progredir, “um homem despojado de privilégios masculinos, que aderiu às políticas feministas, é um companheiro valioso de luta, e de maneira alguma é ameaça ao feminismo” (hooks, 2018, p. 27). Uma sociedade feminista será uma sociedade mais justa e livre para todos, sem as amarras dos papéis de gênero, mulheres e homens poderão viver em igualdade apesar de nossas diferenças. É indispensável o diálogo, a conscientização, de homens e mulheres e principalmente de nossas crianças. Uma educação sem estereótipos de gênero é uma educação libertadora.

3.3. UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA

Chimamanda Ngozi Adichie, feminista e escritora nigeriana, no ano de 2017 publicou o livro *Para educar crianças feministas – um manifesto*, escrito em forma de carta a uma amiga que acabou de se tornar mãe de uma menina (a Chizalum). Chimamanda apresenta uma lista de valiosos conselhos sobre como educar uma criança feminista. Um dos apontamentos que a autora faz é que:

Os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade. É muito difícil desaprendê-los, e por isso é importante cuidar para que Chizalum rejeite esses estereótipos desde o começo. **Em vez de deixá-la internalizar essas ideias, ensine-lhe autonomia.** (ADICHIE, 2017, p. 13, grifo nosso)

E este é um dos principais pontos do porque é imprescindível garantir para as crianças uma educação sem estereótipos de gênero, garantir que elas possam crescer sem que os papéis de gênero as molde, buscar contribuir para que cresçam com consciência do sexismo em nossa sociedade, apesar de ainda não entenderem a palavra sexismo. É importante garantir que a escola não seja mais um espaço de reprodução e/ou perpetuação de desigualdades raciais, étnicas, de classe e de gênero. Rovai e Monteiro (2020, p. 212) ponderam que

[...] a participação feminina no mercado e nos espaços institucionais não é capaz de superar as desigualdades socialmente construídas e naturalizadas por um formato de educação que as ignora no cotidiano das escolas e na elaboração de seus currículos. São evidências que demonstram que, se há avanços em certos aspectos, ainda há uma cultura e uma estrutura patriarcal, excludora e estigmatizante sobre as mulheres, que precisa ser combatida, passando por aquilo que se ensina ou se omite em sala de aula.

Exemplo claro dos impactos do peso do patriarcado ainda hoje na sociedade e no espaço educativo é a retirada dos termos gênero e sexualidade da BNCC.

A terceira versão da BNCC, antes de ser aprovada, contemplava as discussões de gênero e orientação sexual, mas esses posicionamentos dirigidos ao Conselho Nacional de Educação (CNE) e ao Ministério da Educação (MEC) ocasionaram a retirada por completo das palavras gênero e orientação sexual da BNCC em apenas dois dias antes do referido documento ser aprovado. (SILVA, 2020, p. 12)

Com o falso discurso da busca por neutralidade na educação, como explica Rovai e Monteiro (2020), ao apontar que a política de neutralidade surge na verdade dos estereótipos socialmente construídos em relação a esses termos e, principalmente, pelo interesse na manutenção da estrutura patriarcal.

Desta forma, nosso papel enquanto professoras e professores é garantir que nossa prática docente seja crítica, crítica até mesmo as imposições governamentais em relação aos currículos e, como explica Linhares (2020), essas imposições foram feitas por homens e para falar de homens, homens que não buscaram se conscientizar do sexismo presente em nossa sociedade. É nosso papel buscar "[...] reconstruir toda uma gama de relações hierarquizadas, desiguais e opressoras, que atingem toda a comunidade escolar". (NATIVIDADE, 2010, p.53 *apud* FAÇANHA, 2018, p.45).

A prática educativa, como explica Freire (2014), é uma prática formadora e por isso é necessária éticidade. Nós professoras e professores temos responsabilidade ética no exercício de nossa prática docente. A ética de que Freire fala é

[...] a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos. (FREIRE, 2014, pp. 17-18)

Como pontua Adichie (2014, p. 16), “Somos seres sociais, afinal de contas, e internalizamos as ideias através da socialização”, socialização esta que, apesar dos diversos *locus* onde acontece, tem na escola um dos principais, e como aponta Beauvoir (1949, p. 28-29): "Quanto mais a criança cresce, mais o universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma [...]. A hierarquia dos sexos manifesta-se". Quando realizamos uma educação crítica desde a inserção da criança no primeiro espaço escolar garantimos a ela a capacidade de olhar

o mundo com criticidade, de construir outros significados para ele, de já crescer com a consciência das desigualdades de gênero.

Essa escolha de olhar com criticidade para nossa prática docente, buscar construir um currículo com conteúdo sem estereótipos de gênero e de proporcionar “as condições em que aprender criticamente é possível” (FREIRE, 2014, p. 28), pode se iniciar de formas simples (mas não menos significativas), como escolher livros literários, canções, lendas, mitologia, contos e narrativas que busquem ou questionar os papéis de gênero ou trazer a mulher em posições de autonomia. Assim, as crianças estarão sendo expostas a diferentes papéis sociais, podem conhecer a realidade através de diversas visões de mundo, podem aprender a respeitar as escolhas e preferências de cada um.

Buscar incentivar a cooperação e a igualdade entre as meninas e os meninos, por exemplo, não organizar as atividades escolares de acordo com o gênero, mas sim promover a participação de ambos os gêneros em todas as atividades e brincadeiras. Se vemos as crianças como indivíduos e não apenas como meninos e meninas que devem “ser de tal jeito”, ou “brincar de tal coisa”, não as medimos de acordo com os papéis de gênero, e “se não empregamos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial” (ADICHIE, 2014, p. 26).

Conversar sobre os estereótipos de gênero é indispensável, pois as crianças precisam compreender que as diferenças biológicas não devem significar papéis sociais diferentes, e principalmente é necessário demonstrar no cotidiano que as tarefas não são “de menina” ou “de menino”. Todas as crianças devem ter a mesma oportunidade de participar de todas as atividades, por exemplo, nós professoras e professores podemos incentivar que meninas participem de debates ou discussões em grupo, e não podemos limitar que os meninos desenvolvam habilidades em atividades artísticas.

Não impor os papéis de gênero aos brinquedos também é uma forma bastante significativa de quebrar os estereótipos de gênero. É importante que a escola disponibilize uma variedade de brinquedos e, ao invés de deixá-los separados por seções específicas para meninos ou meninas, deixá-los juntos. Pois "a divisão dos brinquedos por gênero reforça estereótipos de gênero e limita as possibilidades de escolha das crianças. É importante oferecer uma variedade de brinquedos e deixar que elas escolham livremente o que desejam brincar." (CAMPOS, 2015, p. 52).

Para além dos momentos de brincadeira ou contação de histórias, é fundamental que toda nossa prática docente seja crítica, que ao realizarmos a escolha dos materiais didáticos busquemos por materiais que não estejam permeados por estereótipos de gênero. É importante

que as ilustrações escolhidas, por exemplo, não reforcem os papéis de gênero impostos pelo patriarcado. É necessário evitar escolher ou construir atividades onde no texto ou nas imagens apenas meninas brinquem de boneca ou apenas os meninos praticando esportes. Como aponta Costas (2019, p. 44):

A escolha dos materiais didáticos deve ser cuidadosa e crítica, levando em conta a representatividade e a desconstrução de estereótipos de gênero. É preciso oferecer uma variedade de exemplos e personagens que não reproduzam padrões tradicionais de masculinidade e feminilidade.

É importante garantir com nossa prática educativa que as crianças compreendam que as diferenças entre os gêneros não podem ser usadas para limitar ou definir o que cada pessoa pode fazer ou ser. Dialogar com as crianças sobre os estereótipos de gênero e explicar que eles não devem limitar suas escolhas é fundamental, pois “Os estereótipos de gênero são tão profundamente inculcados em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade.” (ADICHIE, 2014, p. 28).

A escola precisa se tornar um ambiente onde as crianças se sintam valorizadas e acolhidas, “é preciso e urgente que a escola vá se tornando um espaço acolhedor” (FREIRE, 1993, p. 60), um espaço de humanização e libertação. Um ambiente acolhedor e humanizado possibilita que nossas crianças se tornem adultos mais empáticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa.

Para que isso seja possível é fundamental que todos sintam-se seguros para expor suas ideias, opiniões e dúvidas, sem medo de serem julgados ou rejeitados. Precisam também aprender que suas opiniões e visões são importantes, mas desde que respeitem a diversidade, por isso é fundamental dialogar sobre as diferenças. Assim,

Ensine-lhe sobre a diferença. Torne a diferença algo comum. Torne a diferença normal. [...] Ao lhe ensinar sobre a diferença, você a prepara para sobreviver num mundo diversificado. Ela precisa saber e entender que as pessoas percorrem caminhos diferentes no mundo e que esses caminhos, desde que não prejudiquem as outras pessoas, são válidos e ela deve respeitá-los (ADICHIE, 2014, p. 28).

Dialogar sobre as diferenças culturais, de raça, etnia e de classe também é importante para construir uma educação feminista, pois essas opressões são

[...] um fenômeno complexo e multifacetado que se perpetua por meio de relações de poder e dominação. Essas opressões estão interligadas e se reforçam mutuamente, criando um sistema de desigualdade que afeta negativamente as pessoas que são consideradas minorias em relação a essas categorias sociais (SANTOS, 2015, p. 27).

É imprescindível compreender que conscientizar nossas crianças e jovens sobre o sexismo presente em nossa sociedade não significa de modo algum “ideologizar ou propor palavras de ordem” (FREIRE, 2015, p. 12), pois uma educação libertadora não ideologiza, ela possibilita que as crianças vejam as amarras, as opressões e construam suas visões de mundo e escolham se querem buscar construir uma sociedade sem opressão.

O conhecimento não é uma transmissão, ele é construído no plano da nossa subjetividade, e essa construção exige participação ativa das crianças. É um processo que não envolve apenas a memorização dos saberes, o conhecimento se dá através da reflexão, ao estabelecer conexão com as informações, ao estabelecer sentido, significados. Como explica Saviani (2015, p.216):

Conhecer implica, então, captar o movimento que nos permite entender como nasceu essa sociedade; de onde ela surgiu; como se encontra estruturada; quais as contradições que a movem definindo as tendências de seu desenvolvimento e apontando para as possibilidades de sua transformação numa nova forma de ordem superior, que somente poderá ser instaurada pela ação efetiva, intencional e organizada das forças sociais que hoje se encontram subjugadas e, por isso, têm todo o interesse e buscam lutar para mudar as condições vigentes e instaurar outro tipo de sociedade em que as relações entre os homens encaminhem coletivamente o pleno desenvolvimento das forças produtivas humanas em benefício de toda a humanidade .

Uma prática educativa responsável e ética preza pelo diálogo como forma de adquirir conhecimento. Nós, professores e professoras e nossas alunas e alunos compartilhamos nossas perspectivas, experiências e ideias, criando um ambiente rico em reflexão crítica e construção coletiva do saber, "[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." (FREIRE, 2014, p. 25)

4. VAMOS TER HISTORINHA HOJE? PRINCESAS EM GREVE E OUTROS LIVROS

Como parte importante do nosso processo de investigação e da busca por demonstrar as potencialidades da literatura infantil para a promoção de uma educação feminista, optamos por realizar uma análise minuciosa de algumas das obras que identificamos previamente. Neste capítulo, buscamos fornecer uma análise detalhada das cinco obras selecionadas, bem como descrever o percurso metodológico adotado para conduzir a nossa análise.

Nesse capítulo destinado a análise dos livros, iniciamos com a apresentamos do nosso percurso metodológico, pois ele é um elemento fundamental em qualquer pesquisa científica, pois é guia de todo o processo de investigação e permite que os resultados obtidos sejam precisos, confiáveis e relevantes, seguido da análise das cinco obras: *Princesas em greve* da autora Thais Linhares, *Meu corpo pode* da autora Katie Crenshaw, *A história de Malala Yousafzai* da autora Joan Marie Galat, *Meu corpo, meu corpinho* da autora Roseli Mendonça, *O casaco de pupa* da autora Elena Ferrándiz.

4.1. PERCURSO METODOLÓGICO

Ao escolher com quais livros vamos trabalhar em sala de aula, seja apenas para roda de leitura ou para a realização de atividades, é importante selecionar histórias que mostrem, por exemplo, que as meninas podem ser protagonistas de suas próprias histórias e que os meninos podem ser sensíveis, que podem chorar. Histórias que desafiem os estereótipos de gênero. E como já mencionado na introdução, parte do objetivo dessa pesquisa é: “Mapear obras de literatura infantil que possibilitem uma educação feminista [...] e analisar obras de literatura infantil e demonstrar suas possibilidades para uma educação feminista (RODRIGUES, 2023)”.

Para desenvolver essa pesquisa, escolhemos como abordagem a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), pois para mapear e analisar obras literárias, no caso dessa pesquisa obras de literatura infantil, é necessário adotar uma abordagem específica que considere as características desse tipo de material. E a técnica de análise de conteúdo permite uma análise sistemática e detalhada do conteúdo textual, a partir de categorias previamente definidas, como explica a autora:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da

análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. (BARDIN, 2011, p. 147).

Ao ser aplicada a análise de livros infantis, a abordagem de análise de conteúdo permite identificar e categorizar elementos relevantes do conteúdo dos livros, como personagens, enredo, diálogos e ilustrações e, principalmente, permite uma compreensão mais profunda das temáticas abordadas e de como elas são apresentadas. Para essa pesquisa ela se torna ainda mais significativa pois, com essa abordagem, é possível identificar padrões e tendências nas representações de gênero presentes nos livros infantis, permitindo uma análise sistemática e detalhada do conteúdo em questão. Pois a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

Essa abordagem tem como objetivo “[...] a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) ” (BARDIN, 2011, p. 44), e se estrutura em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Mozzato e Grzybovski (2011, p. 735), ao explicar Bardin (2004), apontam que

A pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. [...] A exploração do material constitui a segunda fase, que consiste na exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro). [...] A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

Essas três fases não precisam ser lineares e, dependendo da necessidade do pesquisador, podem ser repetidas ao longo da análise de conteúdo do material. Bardin (2011, p. 36) explica que “[...] não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento.”. Assim sendo, a análise de

conteúdo é uma abordagem flexível e adaptável às necessidades e particularidades de cada pesquisa e de cada material analisado.

Para o mapeamento dos livros infantis, o primeiro passo do percurso metodológico adotado nessa pesquisa foi a busca por livros infantis que tivessem em sua temática alguma das pautas do movimento feminista. Para tal, realizamos uma busca no google usando os descritores “literatura infantil feminista” e “livros infantis sobre igualdade de gênero”.

Existem diversas estratégias para mapear obras literárias, incluindo a busca em bibliotecas, livrarias, bancos de dados online, redes sociais e recomendações de especialistas. O fundamental é selecionar obras que se adequem ao objeto de estudo e possuam potencial para análise crítica. Para tanto, pode ser interessante estabelecer critérios de seleção. Em nossa busca, o critério estabelecido além dos descritores era de selecionar obras que pudessem ser categorizadas em uma das pautas do movimento feminista. Porém, é importante pontuar que essa escolha não deve se restringir apenas a esses critérios, mas também levar em conta a diversidade e complexidade da literatura produzida em diferentes contextos históricos e geográficos.

Nessa busca encontramos o site "Minha Pequena Feminista", uma plataforma online que busca reunir livros infantis que tenham em seu conteúdo temáticas do movimento feminista, como: diversidade, igualdade de gênero, sororidade, prevenção ao abuso. Atualmente o site tem em seu acervo 129 livros, que estão disponíveis para compra.

Sabe-se que a escolha de uma plataforma não científica para obtenção de dados para uma pesquisa deve ser cuidadosamente avaliada. Em geral, plataformas não científicas, como redes sociais e blogs, podem fornecer informações valiosas para uma pesquisa, mas também apresentam algumas limitações e desafios que devem ser levados em consideração. Portanto, antes de utilizar uma plataforma não científica para a obtenção de dados, é importante avaliar cuidadosamente os prós e contras e justificar a escolha com base nas necessidades específicas da pesquisa.

Ao realizar uma avaliação minuciosa da plataforma, percebemos que além da diversidade de livros disponíveis, o site é mantido por uma equipe de especialistas em literatura infantil e tem como objetivo oferecer conteúdo de qualidade para professoras e professores, pais e crianças. Dessa forma, resolvemos escolher essa plataforma como banco de dados da pesquisa pois ela possibilita uma seleção mais ampla e diversificada de livros infantis que abordam o tema do feminismo, além disso ela só será usada para conhecer os títulos dos livros, e não como fonte para analisá-los.

A partir disso realizamos uma busca no site com o objetivo de conhecer os 129 livros lá disponíveis, através da leitura de suas sinopses, com o objetivo de identificar suas principais características e temas recorrentes. Esta etapa da pesquisa, pode se configurar na fase de pré-análise proposta por Bardin (2011), pois consiste em organizar e preparar o material a ser analisado. Como explica a autora:

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Recorrendo ou não ao computador, trata-se de estabelecer um programa que, podendo ser flexível (quer dizer, que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise), deve, no entanto, ser preciso. (BARDIN, 2011, p. 125)

Optamos por realizar apenas a leitura das sinopses dos livros como parte da pré-análise, devido a grande quantidade de livros. Essa leitura possibilitou uma primeira triagem para seleção dos materiais que seriam analisados em profundidade posteriormente. E também possibilitou realizar uma categorização das obras, e identificar em qual temáticas do movimento feminista ela poderia ser categorizada, como explica Bardin (2011, p. 147):

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos .

Como resultado dessa pré-análise obtivemos os dados apresentados na Tabela 1:

Tabela 1: Categorização das obras de literatura infantil

Temática do movimento feminista:	Quantidade de livros:
Contra a violência (abuso/assédio)	7 livros
Diversidade	19 livros
Emoção não tem gênero	10 livros
Empoderamento feminino	23 livros
Igualdade de gênero	22 livros
Igualdade no ambiente de trabalho	10 livros
Independência feminina	20 livros
Padrões de beleza	2 livros
Representatividade: Mulheres na história	7 livros
Sororidade/Empatia	9 livros

Fonte: Plataforma online: Minha pequena feminista, acesso em: fev 2023

A partir dessa categorização inicial, tornou-se possível selecionar as obras que seriam para a análise de conteúdo. Compreendendo que o tempo é uma das restrições mais significativas para a pesquisa científica, optamos por escolher apenas cinco livros para análise. A escolha desses cinco livros foi feita considerando alguns critérios:

Em primeiro lugar, buscamos escolher livros para diversas faixas etárias, desde livro para trabalhar na educação infantil, até o 5º ano do ensino fundamental. Essa escolha se justifica por se tratar de uma pesquisa para graduação em Pedagogia, área que tem como foco a formação de profissionais para atuar na educação infantil e no ensino fundamental – anos iniciais. Além disso, a escolha de uma faixa etária específica também ajuda a delimitar o escopo da pesquisa e torná-la mais objetiva. E como aponta Gil (2002, p. 29) a delimitação é necessária nas pesquisas:

Em muitas pesquisas, sobretudo nas acadêmicas, o problema tende a ser formulado em termos muito amplos, requerendo algum tipo de delimitação. Por exemplo, alguém poderia formular o problema: "em que pensam os jovens?" Seria necessário delimitar a população dos jovens a serem pesquisados mediante a especificação da faixa etária, da localidade abrangida etc. Seria necessário, ainda, delimitar "o que pensam", já que isto envolve múltiplos aspectos, tais como: percepção acerca dos problemas mundiais, atitude em relação à religião etc.

O segundo critério utilizado para a escolha dos cinco livros foi buscar abranger temáticas diferentes do movimento feminista e que fossem relevantes em qualquer contexto no qual a escola que a professora o ou professor for trabalhar esteja inserida. Sendo assim escolhemos livros que abrangem as temáticas: Empoderamento feminino, Diversidade, Representatividade: Mulheres na história, Contra a violência (abuso/assédio) e Independência Feminina.

Após a seleção dos cinco livros escolhidos que foram: *Princesas em greve* da autora Thais Linhares, *Meu corpo pode* da autora Katie Crenshaw, *A história de Malala Yousafzai* da autora Joan Marie Galat, *Meu corpo, meu corpinho* da autora Roseli Mendonça, *O casaco de pupa* da autora Elena Ferrándiz, seguimos para a leitura minuciosa de cada um deles que, de acordo com as fases da análise de conteúdo de Bardin (2011), faz parte da etapa de exploração do material.

Como explica Bardin (2011), é importante realizar uma leitura exploratória dos textos, que a autora chama de leitura flutuante, com o objetivo de identificar ideias e conceitos centrais que serão utilizados na análise posterior.

A primeira atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta fase é chamada de leitura "flutuante", por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos. (BARDIN, 2011, p. 126).

Nesta etapa, a leitura dos livros foi realizada buscando identificar suas principais características, e para tal processo algumas questões importantes foram estipuladas:

- 1) Quais são as e os personagens principais e como elas e eles são representadas e representados?
- 2) De que maneira o livro aborda a temática do movimento feminista em que está categorizado?
- 3) Como os temas de raça, etnia, classe e orientação sexual são abordados no livro?
- 4) Os livros apresentam modelos positivos de masculinidade, desconstruindo o padrão hegemônico tóxico?
- 5) Como as ilustrações do livro colaboram para a sua mensagem?

Buscamos realizar a leitura com questões norteadoras, pois elas podem ajudar na construção de categorias de análise, pois fornecem um guia para a pesquisadora, direcionando sua atenção para os aspectos mais relevantes e ajuda-o a identificar unidades de análise que possam ser agrupadas em categorias.

Para este estudo, então, foram definidas categorias de análise apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Categorias de análise

Categorias de análise	
Categoria	Objetivo da categoria
Corpo e sexualidade	Analisar como o corpo e a sexualidade são representados nos livros selecionados, identificando se há uma abordagem positiva ou negativa desses temas e se há diversidade de corpos e orientações sexuais representados.
Educação	Verificar se os livros selecionados apresentam informações relevantes para uma educação para a igualdade de gênero, a fim de identificar a contribuição da literatura infantojuvenil para esse tema.
Diversidade	Analisar em que medida os livros selecionados apresentam personagens e/ou histórias que representam a diversidade em termos de raça, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, habilidades físicas e mentais, entre outras características.

Empoderamento feminino	Analisar como os livros selecionados promovem o empoderamento feminino, verificando se as personagens femininas são retratadas de maneira positiva e forte, se há uma promoção de valores como a autoestima e a independência.
Ilustrações	Analisar as ilustrações presentes nos livros e investigar seu papel para a narrativa. Para isso, serão explorados a representação de personagens e cenas, a presença de estereótipos, a relação entre as imagens e a linguagem verbal.
Linguagem	Verificar se a linguagem utilizada nos livros selecionados é adequada para a faixa etária a que se destinam, avaliando se as palavras, frases e ilustrações estão claras e acessíveis para as crianças e jovens leitoras e leitores.
Narrativa	Analisar como as histórias são construídas e apresentadas nos livros selecionados, verificando se as narrativas são envolventes, instigantes e instigam a imaginação das crianças e jovens leitoras e leitores.
Mensagem	Identificar a mensagem principal transmitida pelos livros selecionados e avaliar se ela é coerente com os valores que se deseja transmitir para as crianças e jovens leitoras e leitores.

Fonte: Quadro elaborado a partir dos estudos da criação de categorias de análise de BARDIN (2004, 2011)

Seguindo então para a etapa de tratamento dos resultados, a terceira etapa da análise de conteúdo de Bardin (2011), que consiste na organização e sistematização das informações obtidas a partir da análise dos dados. Nessa etapa, o objetivo é sintetizar e transformar as informações brutas em resultados que possam ser interpretados e utilizados na pesquisa. Como explica Santos e Souza (2020, p. 1402):

Esta etapa é destinada à busca de significação de mensagens através ou junto da mensagem primeira. É o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica. Nesta fase, o tratamento dos resultados tem a finalidade de constituir e captar os conteúdos contidos em todo o material coletado por meio dos instrumentos.

Nosso papel, então, nessa etapa, como pesquisadora, não foi o de realizar uma simples descrição e categorização dos livros infantis selecionados para análise, mas sim procurar interpretá-los de maneira mais profunda e significativa. Isso significa analisar as informações de forma crítica e reflexiva, buscando compreender os sentidos e significados presentes no material selecionado para a pesquisa.

4.2. *PRINCESAS EM GREVE* DA AUTORA THAIS LINHARES

Princesas em Greve, da autora Thais Linhares, é um livro infantil que conta a história de várias princesas que, cansadas de serem tratadas apenas como princesas e terem que seguir regras impostas pela sociedade do reino, decidem fazer uma greve para conquistar seus direitos.

Em suas reivindicações elas apontam que querem: Poder estudar e ter uma profissão, seja ela qual for; Não serem obrigadas a casar; Usar roupas confortáveis; Brincar com o que quiserem; Que não exista padrão de beleza imposto a elas, etc.

O livro aborda diversas questões que são pautas do movimento feminista, como empoderamento feminino, diversidade e igualdade de gênero de forma lúdica e acessível para as crianças. Além disso, as ilustrações coloridas e a linguagem descontraída contribuem para tornar a leitura mais envolvente e divertida. O livro é um excelente instrumento para ensinar às crianças que elas podem ser o que quiserem, independentemente do gênero, e que têm o direito de lutar pelos seus desejos e sonhos.

Apesar de o livro tratar de diversas temáticas do movimento feminista, ao categorizar a obra escolhemos a temática "empoderamento feminino", pois ela retrata a ideia central da obra, que é a importância de se empoderar as mulheres para que elas possam conquistar seus sonhos e serem respeitadas pela sociedade.

A autora, Thaís Linhares, além de escritora é ilustradora e as ilustrações presentes na obra *Princesas em Greve* também são de sua autoria. Além de seu livro, Thaís já ilustrou outros livros infantis e suas ilustrações já ganharam prêmios.

Figura 1: Apresentando o livro *Princesas em greve*



Fonte: Thaís Linhares (2019)

O livro é recomendado para crianças de 6 a 10 anos, e foi publicado pela editora Cortez em 5 de fevereiro de 2019. Ao pegar no livro percebemos que sua capa não é dura, mas possui uma gramatura maior que as páginas e é agradável ao toque. A capa é predominantemente cinza e apresenta a ilustração de um sapo, cercado por muitas flores. O

título do livro está em letras grandes e a palavra greve está escrita em vermelho, trazendo bastante evidência.

Ao abri-lo, as folhas internas são finas e lisas, lembram folhas de revistas e são agradáveis ao toque, com ilustrações coloridas e vibrantes em todas as páginas. As imagens são envolventes e convidativas, retratando as personagens e seus trajas com muita riqueza de detalhes, e lembram um desenho pintado em lápis de cor, o que pode fazer com que as crianças se identifiquem ainda mais com as ilustrações, como é possível visualizar na Figura 2.

Figura 2: O traço "que lembra lápis de cor" das ilustrações de *Princesas em greve*



Fonte: Fotografia do livro retirada da rede social Instagram, do perfil “@lendojunto”.

A fonte usada no texto é clara e legível, o que facilita a leitura para as crianças. Com 32 páginas, o livro tem um tamanho agradável para ser manuseado pelas crianças, o tamanho é próximo a uma folha A4, e oferece uma boa duração de leitura.

Em relação à categoria de análise "Corpo e sexualidade", percebe-se que está presente em diversos momentos da narrativa de *Princesas em Greve*. Por exemplo na quinta demanda apresentada no manifesto das princesas, onde deixam claro seu direito pela própria sexualidade: “Queremos ainda que ela seja livre para beijar não apenas os sapos! Mas também os gatos, os quatis, os jaburus [...]: qualquer criatura enfeitiçada que traga em seu coração uma linda história que precise de amor para ser revelada.” (LINHARES, 2019, s.p.)

Além disso, a própria greve das princesas tem a ver com a insatisfação delas em relação às expectativas de comportamento e imagem impostas às mulheres. Isso pode ser interpretado

como uma forma de resistência ao papel tradicionalmente feminino de estar sempre bela e submissa, que muitas vezes é associado à ideia de um corpo padrão. O que é fundamental, pois ainda é comum que as meninas sejam incentivadas a serem belas, delicadas e a ocuparem espaços secundários. A beleza é apresentada como algo a ser alcançado e o cuidado com o corpo é estimulado desde cedo, muitas vezes associado à ideia de um corpo padrão, magro e branco. E, como nos mostra Adichie (2014), é importante que as crianças compreendam que existem outros tipos de referências de beleza, que beleza também é construção social.

Verá nos filmes, nas revistas, na televisão. Verá que se valoriza a pele branca. Perceberá que o tipo de cabelo que se valoriza é o liso ou o ondulado, e é um cabelo que cai, em vez de ficar armado. Ela vai deparar com tudo isso, quer você queira ou não. Então, garanta que ela veja alternativas. Faça-a perceber que mulheres brancas e magras são bonitas e que mulheres não brancas e não magras são bonitas. Faça-a perceber que, para muitas pessoas e muitas culturas, a definição limitada de beleza não é bonita. (ADICHIE, 2014, p. 22).

Nesse sentido, o livro desempenha um excelente papel, pois possibilita que as meninas tenham acesso a um material que oferece resistência a essa imposição social, o que contempla ainda a categoria de análise educação, pois demonstra que o livro apresenta sim informações relevantes para uma educação para a igualdade de gênero. *Princesas em greve* aborda a temática do corpo e sexualidade de maneira sutil e delicada, e possibilita a quebra de estereótipos de gênero e da defesa da imagem corporal real e do consentimento em relação ao corpo.

O livro também aborda a importância da educação e da busca pelo conhecimento, sendo em relação a essa temática a primeira demanda do manifesto das princesas:

Uma princesa poderá ter uma ocupação, visto que ser princesa não é ocupação nenhuma. Poderemos ser médicas, merendeiras, advogadas, faxineiras, jardineiras, babás, escritoras, ilustradoras, policiais, editoras de livros, diretoras de cinema, judocas, astronautas, catadoras de papel, juízas... Qualquer profissão! (LINHARES, 2019, s.p.)

A valorização da diversidade se encontra presente em todo o livro. Ao longo da narrativa, é possível observar a presença de princesas com diferentes origens étnicas, raciais e físicas lutando juntas por suas demandas como é possível observar na ilustração da demanda vinte e um, apresentada a seguir na Figura 3.

Figura 3: Montagem “O livro aborda a diversidade de maneira positiva”



Fonte: Thais Linhares (2019)

O livro é centrado no empoderamento feminino, com as princesas se rebelando contra as expectativas impostas a elas pela sociedade e assumindo o controle de suas próprias vidas. Ele demonstra às crianças que elas podem ser independentes, confiantes e lutar pelos seus sonhos. Através do exemplo, o livro possibilita às crianças compreenderem que é importante a união para buscar nossas demandas, o que é fundamental para uma educação para a liberdade.

As ilustrações do livro são elementos fundamentais para a narrativa e a autora Thais Linhares conseguiu realizar um excelente diálogo entre texto e imagens, pois as ilustrações reforçam a mensagem que ela buscou transmitir com a história. As imagens retratam as princesas em situações de luta e resistência, o que rompe com o estereótipo de princesas frágeis e indefesas.

E essa desconstrução é de extrema importância nas novas obras infantis, pois as obras destinadas às crianças há muito têm sido influenciadas por um imaginário que estabelece papéis de gênero rígidos, nos quais as meninas são frequentemente ensinadas a serem princesas frágeis e indefesas. Os contos de fadas clássicos, em particular, têm contribuído para essa construção. Por isso a importância das obras com heroínas que não são passivas nem submissas, e rompem com os estereótipos de gênero tradicionalmente associado às personagens femininas.

Além disso, as ilustrações apresentam diversidade de corpos e cores de pele, como a Figura 3 já demonstrou, o que é essencial para a representatividade de diferentes grupos sociais e para a quebra de padrões estéticos tradicionalmente impostos pela indústria cultural.

A linguagem utilizada no livro é simples e direta, sendo adequada para sua faixa etária, as princesas apresentam suas demandas de forma clara e em tom de manifesto. A obra utiliza expressões fortes e questionamentos diretos, como no trecho da demanda dezessete: "Por que fazer estátuas para conquistadores e não para mães, professoras, parteiras ou quebradoras de cocos? Chega de bater palmas para a guerra, o egoísmo e a cobiça! Vivam a solidariedade, a amizade, a vida!" (LINHRES, 2019, s.p.).

Além disso, a narrativa é construída de forma a incentivar a reflexão crítica e o empoderamento das crianças leitoras. A narrativa escrita em forma de manifesto colabora para a mensagem do livro, que busca demonstrar às crianças a importância da igualdade de gênero

e, principalmente, a importância de promover mudanças sociais e culturais, através da mobilização de pessoas para a ação.

A palavra greve, que é destacada em vermelho na capa do livro, tem um significado muito simbólico em um livro infantil. Pois pode ajudar as crianças a entenderem questões políticas e sociais que afetam suas vidas, bem como incentivar a reflexão sobre a importância da participação e do engajamento, da mobilização de pessoas para a ação. Além disso, a presença da palavra greve em obras infantis pode ajudar a desconstruir estereótipos de gênero, ao mostrar que as princesas também podem lutar por seus direitos e defender suas ideias, o que é uma mensagem de empoderamento feminino.

Em suma, *Princesas em Greve* é um livro cativante e inspirador que desafia as expectativas tradicionais de gênero e nos mostra que qualquer pessoa, independentemente de seu gênero, pode alcançar seus objetivos e fazer a diferença no mundo. Ao retratar princesas como fortes e capazes, este livro não apenas incentiva as crianças a se libertarem das limitações impostas pelas normas sociais, mas também promove a importância da colaboração e da empatia para alcançar objetivos em comum.

4.3. *MEU CORPO PODE* DAS AUTORAS KATIE CRENSHAW E ADY MESCHKE

Meu corpo pode, escrito por Katie Crenshaw e Ady Meschke, traduzido por Alexandra Gurgel e ilustrado por Li Liu, é um livro de literatura infantil que incentiva as crianças a terem confiança em seus corpos e a valorizarem sua diversidade. A história apresenta uma garotinha gorda mostrando que seu corpo pode fazer qualquer coisa, mostrando assim para as leitoras e os leitores que o formato de um corpo não é um limite, e como a própria sinopse do livro diz:

Nunca é cedo demais para aprender a se amar! Se o mundo está pronto para dizer às nossas meninas que elas não são suficientes — boas, bonitas, magras o suficiente —, que essas páginas as ensinem desde muito pequeninas que, nesse caso, quem está errado é o mundo mesmo. (SINOPSE DO LIVRO "MEU CORPO PODE", 2022)

O livro apresenta uma série de cenas encorajadoras, que celebra a beleza e as possibilidades dos diferentes corpos e as habilidades únicas que cada um possui. Com ilustrações vibrantes e mensagens positivas, *Meu corpo pode* ensina as crianças a se aceitarem como são, a respeitarem as diferenças dos outros e a valorizarem a importância de uma autoestima saudável. É uma ferramenta valiosa para pais, professoras e professores e cuidadores que desejam ajudar as crianças a desenvolver uma imagem positiva do corpo.

A obra se destaca por abordar de forma sensível e relevante a questão da autoestima e do empoderamento feminino, e a escolha para categorizá-la foi a categoria padrão de beleza, uma temática de extrema importância para os objetivos dessa pesquisa, pois as imposições sociais em relação ao corpo também são uma forma de controle das mulheres.

As autoras Ady Meschke e Katie Crenshaw são de Atlanta, nos Estados Unidos. Katie Crenshaw é uma influenciadora digital e mãe de três filhos que se dedica a incentivar a autoaceitação e a autoestima em suas redes sociais. Ady Meschke é autora e mãe de quatro filhos que também escreve sobre maternidade, feminismo e autoestima. Ambas as autoras são mulheres fora do padrão de beleza imposto e devido a isso oferecem uma perspectiva valiosa e inspiradora sobre a importância de se amar e respeitar a si mesmo.

Figura 4: Apresentando o livro Meu corpo pode



Fonte: Meu corpo pode (2022)

O livro é recomendado para crianças de 4 a 6 anos e foi publicado no Brasil pelo grupo editorial Record, através do selo Galerinha em 8 de agosto de 2022. Ao pegar nele percebemos que sua capa não é dura, mas possui uma gramatura maior que as outras páginas e não aparenta ser frágil. A capa é predominantemente azul claro e possui uma linda ilustração da personagem principal, onde ela está nitidamente feliz e se sentindo livre e segura com seu próprio corpo.

Ao abri-lo percebe-se que o papel é de alta qualidade, de uma espessura que garante que você possa folhear as páginas sem temer rasgos ou danos às folhas internas. As páginas são brancas, o que traz ainda mais evidência para as ilustrações, que são coloridas e vibrantes.

As imagens são envolventes e convidativas, retratando as atividades que a personagem realiza de forma bastante detalhada, como é possível visualizar na imagem anterior, a Figura 4.

A fonte usada no texto é clara e legível e os textos são curtos, bastante apropriados para a faixa etária. Com 32 páginas, o livro tem um formato mais quadrado, o que consideramos bastante apropriado para faixa etária e agradável para ser manuseado pelas crianças.

O livro aborda bastante a questão do corpo, a positividade corporal é sua principal mensagem e por focar nela algumas outras questões são deixadas de fora, como a questão da sexualidade, o que não é um demérito para o livro, ele tem um objetivo e um público alvo de crianças pequenas, então sua história precisa ser curta e focada no objetivo principal de sua narrativa, que no caso é a questão dos padrões de beleza e positividade corporal.

Essa temática em livros infantis é bastante significativa, pois durante a infância, as crianças começam a perceber as diferenças entre os corpos, começam a construção da imagem corporal, influenciada pela imposição de um padrão estético único e inatingível, muitas vezes associado à ideia de perfeição, perpetuado principalmente pelo patriarcado, o que pode levar a comparações e preocupações com a aparência. Além disso, muitas vezes os pais e a família podem transmitir mensagens negativas sobre o peso e a aparência, o que pode levar a uma imagem corporal negativa e comportamentos prejudiciais à saúde, como a restrição alimentar excessiva e a prática de exercícios em excesso, como explica Neves *et al.* (2017, p. 332, grifo nosso),

Ao longo da vida, a imagem corporal está em permanente (des)construção. É durante a infância que preocupações com o peso, crenças relacionadas ao corpo e comportamentos direcionados à melhora da aparência física podem ter início. Portanto, desde a mais tenra idade, o indivíduo, na busca de um corpo ideal, pode ter sua imagem corporal afetada. Destaca-se que **uma imagem corporal negativa durante a infância pode ser fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias em idades tardias.**

Uma imagem corporal negativa pode ter efeitos graves na saúde mental, incluindo transtornos alimentares, ansiedade, depressão e baixa autoestima. É importante que pais, professoras e professores e profissionais de saúde estejam atentos aos sinais de uma imagem corporal negativa na infância e trabalhem para promover a aceitação e o amor próprio desde cedo. E para nós, professoras e professores, esse livro é uma ferramenta maravilhosa, com gigantescas contribuições para a construção de uma imagem corporal positiva.

Trazendo em sua narrativa o corpo como um instrumento de realização pessoal, e não para o olhar do outro, como no trecho: “Meu corpo pode correr, pular, girar e dançar. Meu corpo não tem medo de praticar.” (CRENSHAW; MESCHKE, 2022, s.p.). Essa perspectiva

possibilita às crianças ver o corpo como algo a ser valorizado, como uma ferramenta para a realização de atividades e projetos que tragam felicidade e satisfação pessoal.

A valorização do corpo como um instrumento de realização pessoal pode contribuir também para que as crianças cresçam desenvolvendo uma relação mais saudável e equilibrada com a alimentação e as atividades físicas, assunto que inclusive é abordado e incentivado ao decorrer da narrativa de *Meu corpo pode*, especificamente no trecho: “Meu corpo pode comer couve e bolo de amora. Hmm, que delícia! A comida é o meu combustível e minha barriguinha adora.” (CRENSHAW; MESCHKE, 2022, s.p.)

No entanto, a autora ressalta que essas práticas devem ser encaradas como uma forma de cuidado e não de punição ao corpo, questões que ficam nítidas até nas ilustrações do livro, pois sempre que nossa personagem está praticando exercício ela está feliz, sorrindo, se divertindo, como é possível ver na Imagem 5.

Figura 5: Movimento é cuidado e amor



Fonte: Meu corpo pode (2022)

É possível observar que a linguagem utilizada no livro é acessível e clara, realmente voltada para as crianças pequenas. As autoras utilizam uma linguagem simples, clara e acessível para transmitir a mensagem de positividade corporal, encorajando as crianças a se aceitarem e a explorarem seu próprio corpo de forma saudável e consciente. E a ilustradora realizou um trabalho minucioso, pois as imagens ilustrativas são perfeitas para contar a história e transmitir a mensagem das autoras, possibilitando assim que as crianças pequenas consigam ter autonomia de “ler” a história antes mesmo de aprender a ler de fato. Sobre essa questão, Castanha (2008, p. 145) aponta que

[...] não podemos chegar a acreditar que para compreender e decodificar o mundo nos bastam somente os textos, a palavra escrita. A escola pode ser também espaço, para, no mínimo, desenvolver o interesse por outras linguagens, o que certamente contribuirá para que seus alunos se tornem leitores mais críticos e observadores não só de textos e imagens, mas de um conjunto de formas expressivas e do próprio mundo em que vivem.

Em suma, valorizar outras formas de linguagem além da escrita é fundamental para ampliar as formas de expressão e comunicação e, especialmente, importante para crianças que ainda estão aprendendo a ler e escrever, pois podem oferecer uma forma alternativa de compreensão e expressão. As ilustrações dos livros podem ser uma ferramenta de autonomia para essas crianças lerem as histórias, e ainda pode ajudar a promover a alfabetização e a capacidade de comunicação da criança, oferecendo uma linguagem visual que pode ser mais acessível e compreensível do que a linguagem escrita.

E as ilustrações do livro *O meu corpo pode*, como já mencionado, conseguem transmitir sua mensagem por si mesmas, como é possível observar na Imagem 6, uma cena onde a narrativa escrita conta que o corpo da personagem pode fazer qualquer atividade física. Só pela ilustração a criança pode interpretar essa mesma narrativa.

Figura 6: Imagens também contam histórias



Fonte: Meu corpo pode (2022)

A sociedade impõe padrões de beleza inatingíveis, muitas vezes associados à magreza extrema, a um tipo de cabelo específico, a uma cor de pele determinada, entre outros requisitos estéticos. Essas exigências geram inseguranças e ansiedades, principalmente nas mulheres, que são ensinadas desde cedo a buscar a aprovação externa, especialmente dos homens. Além

disso, esses padrões de beleza também afetam a autoestima e a saúde física e mental, que muitas vezes recorrem a dietas extremas, cirurgias plásticas e outros procedimentos invasivos para atender a essas exigências. Dessa forma, é importante reconhecer que a luta contra as imposições estéticas é uma luta pela liberdade e pela autonomia feminina, que busca desconstruir as ideias limitantes e opressivas que afetam as mulheres, e o livro *Meu corpo pode* é um livro extraordinário, uma grande ferramenta maravilhosa para ensinar crianças a amarem seus corpos.

4.4. A HISTÓRIA DE MALALA YOUSAFZAI DA AUTORA JOAN MARIE GALAT

A história de Malala Yousafzai, escrito pela autora Joan Marie Galat, ilustrado por Aura Lewis e traduzido por Cláudia Mello Belhassof, conta a história da vida da extraordinária Malala Yousafzai, uma jovem paquistanesa que se tornou um símbolo global da luta pelos direitos das mulheres e da educação.

O livro começa descrevendo a infância de Malala no vale de Swat, no Paquistão, onde ela cresceu em uma família que valorizava a educação e a igualdade de gênero.

Quando os vizinhos dos Yousafzais souberam que o bebê era uma menina, ficaram com pena de Toor. Mas o pai de Malala, Ziauddin (Zi-au-DIN), não pensava como muitos pachtuns. Ele se lembrava de quando Benazir Bhutto tinha se tornado a primeira primeira-ministra do Paquistão. Ela mostrou que as mulheres podem fazer coisas importantes. (GALAT, 2021, p. 12)

Malala frequentava a escola e também se envolvia em atividades comunitárias, até o Talibã tomar o poder no Paquistão. O grupo extremista proibiu a educação das meninas e impôs regras rigorosas para as mulheres, reprimindo violentamente aqueles que se opunham a seus ideais. Malala, então com apenas 11 anos, começou a falar publicamente sobre a importância da educação das meninas e a desafiar o Talibã.

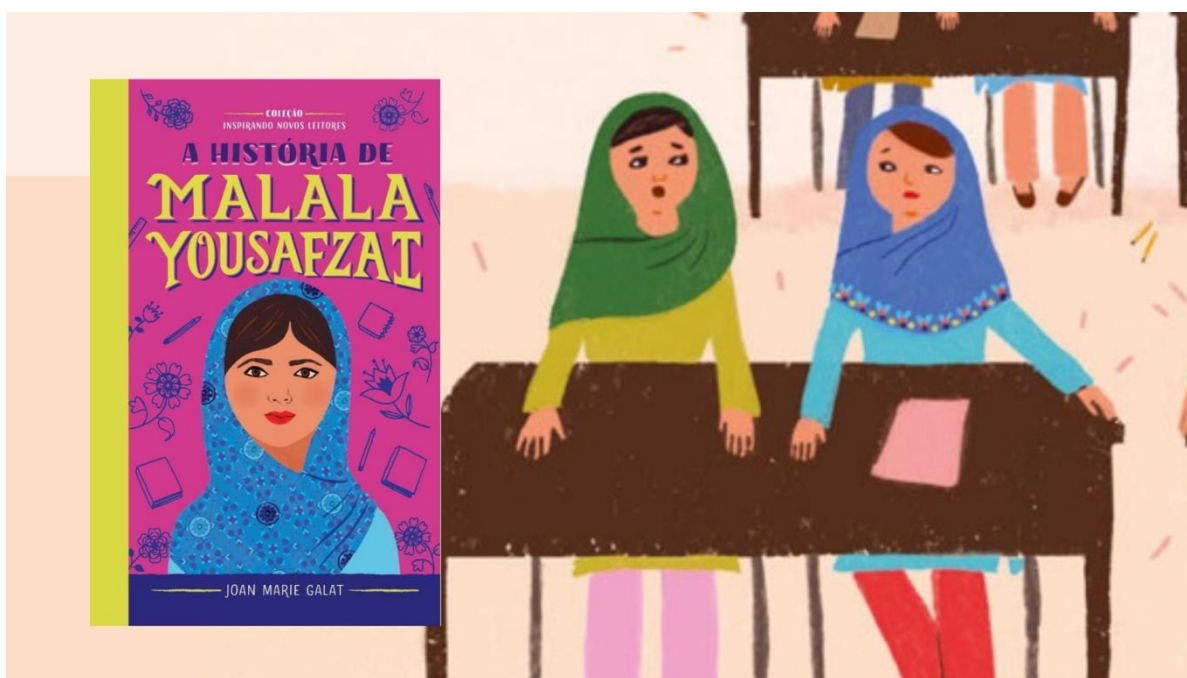
Malala ficou feliz porque seu pai não tirou sua liberdade. Uma das maiores emissoras de TV do Paquistão a tinha convidado para uma entrevista. Malala percebeu que sua voz tinha poder. Ser ouvida lhe dava esperança. Malala achava que, se um homem no rádio podia causar tantos problemas, uma menina devia conseguir fazer uma mudança para melhor. (GALAT, 2021, p. 28)

A História de Malala Yousafzai é uma narrativa emocionante sobre uma jovem que desafiou as expectativas e lutou pelos direitos das mulheres e da educação em um ambiente hostil. Esse livro em especial apresenta a história de Malala de forma excelente para jovens leitoras e leitores que desejam aprender mais sobre a história de Malala e seu ativismo

inspirador. E se destaca por abordar a importância da educação para a transformação social e para a promoção da igualdade de gênero.

A autora, Joan Marie Galat, é canadense e escreve livros infantis e educativos. Ela já publicou mais de 20 livros, incluindo obras sobre ciência, astronomia, meio ambiente e biografias de figuras históricas importantes. Seus livros já ganharam diversos prêmios literários, incluindo o prêmio Best Books for Kids & Teens. Em seu site ela cita que: “Escrever para crianças é uma paixão, talvez porque eu tenha gostado muito de ler enquanto crescia.” (GALAT, 2023, s.p.)

Figura 7: Apresentação do livro A História de Malala Yousafzai



Fonte: A História de Malala Yousafzai (2021).

O livro é recomendado para crianças a partir de 10 anos e foi publicado no Brasil pela editora Astral Cultural em 12 de abril de 2021. O livro tem o tamanho padrão de livros de literatura, bem próximo de uma folha A5 e possui 64 páginas. Ao pegar nele percebemos que sua capa é dura e o material tem uma qualidade excelente. A capa é colorida e vibrante e tem uma linda ilustração que apresenta Malala.

Ao abrir o livro, as páginas são brancas e a impressão é de alta qualidade, com letras legíveis e imagens nítidas. As ilustrações presentes no livro são marcantes e coloridas, ajudando a contar a história de Malala de forma visualmente atraente e envolvente. A diagramação das páginas é organizada e fácil de seguir, com seções bem definidas que abordam diferentes momentos da vida de Malala.

O livro tem um tamanho confortável para leitura, permitindo que a leitora ou o leitor o segure com facilidade durante horas de leitura. Além disso, as bordas das páginas são lisas e bem cortadas, não apresentando falhas ou rebarbas. Uma linda e atrativa edição para as crianças.

Durante a fase de pré-análise da pesquisa categorizamos o livro dentro da categoria "Representatividade: Mulheres na história" pela sua temática principal, que é a história de vida de uma jovem mulher que lutou por seus direitos e pelos direitos de outras mulheres. Paquistanesa, uma jovem que se tornou um grande símbolo de representatividade, um ícone global na luta pelos direitos das mulheres e pela educação.

A escolha desse livro para análise é relevante para ressaltar a importância da representatividade feminina na história, uma vez que as mulheres têm sido historicamente marginalizadas e excluídas de muitos espaços de poder e de produção cultural, e até mesmo excluídas dos registros da história. A história oficial e a produção cultural em geral têm sido dominadas por homens brancos, o que tem contribuído para a invisibilidade e marginalização das mulheres e de outras minorias. Como aponta Lerner (1993, p. 4): "Nenhum homem foi excluído do registro histórico por conta do seu sexo, enquanto todas as mulheres foram". (*apud* ALVEZ, 2022, p. 26).

Ao analisar o livro em relação a categoria de análise "Corpo e Sexualidade", podemos encontrar uma grande possibilidade de diálogo para as professoras e os professores realizarem com as crianças sobre como o controle dos corpos, principalmente o controle dos corpos femininos, é uma das armas do patriarcado.

A opressão das mulheres paquistanesas pelo Talibã, por exemplo, incluía a imposição de regras estritas sobre o que as mulheres podiam vestir, onde podiam ir e o que podiam fazer. Essas restrições não eram apenas uma forma de controle social, mas também eram usadas para afirmar a superioridade masculina sobre as mulheres. Como é explicado no trecho:

Antes de o Talibã se tornar forte, as mulheres e as meninas adolescentes podiam escolher se queriam ou não usar burcas, que são roupas que vão da cabeça aos pés com pequenas fendas na região dos olhos. Agora, todas as mulheres e meninas mais velhas eram obrigadas a usá-las. A televisão e o rádio foram proibidos. As meninas com mais de 10 anos não podiam mais ir à escola. (GALAT, 2021, p. 07)

As questões de gênero também estão ligadas ao controle do corpo feminino. As mulheres são ensinadas a se conformar com papéis de gênero tradicionais que limitam suas escolhas e sua liberdade. Malala é um exemplo gigantesco de empoderamento feminino, como mostra o livro, pois ela desafiou essas expectativas e se recusou a se conformar com o papel

tradicionalmente atribuído às mulheres em sua comunidade, tornando-se uma defensora da educação e dos direitos das mulheres. O livro traz para as crianças um forte exemplo de empoderamento e de independência, Malala ainda criança queria lutar por transformações sociais: “O Talibã carregava armas e patrulhava as ruas. Mas Malala não conseguiu ficar calada. **Ela se tornou uma ativista — uma pessoa que tenta mudar coisas que são injustas.**” (GALAT, 2021, p. 07, grifo nosso)

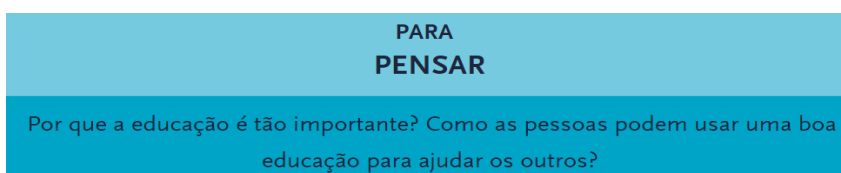
O livro mostra como Malala, desde muito nova, já valorizava a educação e entendia a importância dela para seu futuro e para a sua comunidade. A luta pela educação foi a principal luta de Malala, pela sua educação e pela educação de outras mulheres, e sua história pode ser uma grande ferramenta para a educação de crianças e jovens para compreenderem as imposições de gênero, pois visibilizar a existência de mulheres como Malala Yousafzai significa possibilitar que as crianças tenham a oportunidade de se identificar e se inspirar em modelos de mulheres corajosas e determinadas.

Trazer para as crianças referências de “[...] pessoas, livros ou situações que lhes mostrem outras mulheres que ousaram transgredir a normalização do gênero para ‘construir novos desejos e novos estilos’” (LOURO, 1997, p. 82) é uma ferramenta poderosa de libertação e destruição do patriarcado.

A análise do livro sob a categoria “diversidade” revela a importância da obra como uma representação da diversidade cultural e religiosa presente na sociedade paquistanesa. A história de Malala, apresenta uma perspectiva diferenciada sobre as tradições culturais e religiosas do país. A obra mostra como a diversidade cultural e religiosa pode ser uma fonte de conflito e opressão, mas também pode ser um caminho para o entendimento mútuo e a convivência pacífica.

A narrativa é construída de forma linear, seguindo a ordem cronológica dos eventos na vida de Malala, desde sua infância até a sua luta pelos direitos das mulheres e pela educação no Paquistão. Além disso, a narrativa é permeada por momentos para que durante a leitura se reflita sobre as questões centrais, como é possível ver na Imagem 8:

Figura 8: Ler para refletir



Fonte: A História de Malala Yousafzai (2021).

As informações apresentadas na narrativa são corroboradas por dados históricos e sociais, o que demonstra um cuidado da autora em apresentar uma história verídica e fundamentada. A autora apresenta uma linguagem simples e direta, permitindo que o leitor compreenda facilmente os acontecimentos e as emoções vividas pela personagem principal.

Apesar de ser um livro onde a narrativa é feita principalmente através da palavra escrita, há presença de diversas ilustrações. Elas são coloridas e detalhadas, e representam bem as situações narradas no texto. Há um equilíbrio entre imagens que retratam momentos alegres e momentos difíceis da vida de Malala, o que ajuda a manter o interesse do leitor.

Além disso, as ilustrações também são importantes para transmitir mensagens simbólicas. Por exemplo, na ilustração da Imagem 8, vemos Malala precisando esconder o livro nas roupas, o que representa a resistência de Malala em busca da educação, mesmo com as restrições impostas pelo governo talibã.

Figura 9: Resistência



Fonte: A História de Malala Yousafzai (2021).

As ilustrações presentes na obra trazem personagens com características étnicas distintas, representando a diversidade presente na região em que a história se passa, mostram a beleza da cultura paquistanesa, retratando as roupas coloridas e os cenários da região. Abordar a questão étnica de maneira positiva é importante para a educação das crianças, ao

aprender desde cedo sobre a diversidade étnica e cultural, as crianças desenvolvem a empatia e a compreensão em relação ao outro, aprendendo a respeitar as diferenças e a valorizar a diversidade.

Além disso, a educação para a diversidade étnico-racial promove a quebra de estereótipos e preconceitos, permitindo que as crianças construam uma visão mais ampla e inclusiva da sociedade em que vivem. Isso é fundamental para a formação de uma sociedade mais tolerante, justa e igualitária, onde todas as pessoas são respeitadas independentemente de sua origem étnica.

Em suma, as ilustrações do livro *A História de Malala Yousafzai* são um componente valioso para a narrativa, ajudando a transmitir emoções e mensagens simbólicas importantes.

A mensagem principal do livro é a importância da educação e da luta pelos direitos das mulheres, especialmente em regiões onde a opressão é maior. Malala, mesmo em meio a perseguições e ameaças de morte, persiste em seu desejo de estudar e de lutar pelos direitos das mulheres.

Além disso, o livro transmite uma mensagem de coragem e resiliência, mostrando a força de Malala e sua determinação em continuar lutando pelo que acredita, mesmo diante das dificuldades. A história de Malala serve como uma maravilhosa referência de representatividade para as crianças.

Em conclusão, *A História de Malala Yousafzai* é uma obra que se destaca por abordar temas como educação, diversidade, representatividade e resistência de uma forma sensível e acessível para crianças. A obra mostrou ser um importante instrumento para discutir questões de gênero, direitos humanos e diversidade étnica com crianças na escola. Malala fala que: “conto minha história não porque seja única, mas porque é a história de muitas meninas” (YOUSAFZAI, 2013, p. 77), acreditamos que trabalhar essa obra em sala de aula possa contribuir para a construção de uma sociedade em que essa questão seja cada vez mais rara.

4.5. *MEU CORPO, MEU CORPINHO* DA AUTORA ROSELI MENDONÇA

Meu corpo, meu corpinho, escrito pela autora Roseli Mendonça com contribuição da Rafaela Carvalho e ilustrado por Sidney Meireles, é uma obra infantil que aborda temas importantes como integridade física, privacidade e proteção de forma lúdica e divertida. Com palavras envolventes e ilustrações delicadas, o livro aborda uma temática extremamente relevante. Em um mundo onde o abuso sexual é uma realidade próxima e discreta, é fundamental ensinar as crianças a se protegerem e que eduquemos as crianças para que elas

possam crescer felizes, inocentes e livres, mas também seguras e fora das estatísticas. Nesse sentido, *Meu corpo, meu corpinho* se apresenta como uma importante ferramenta para auxiliar as famílias na prevenção ao abuso sexual.

Usando animais como personagem, o livro demonstra a importância de reconhecer as partes do seu corpo e protegê-las de possíveis abusos. Com uma linguagem simples e acessível, o livro ensina às crianças sobre as partes do corpo e as diferenças entre toques bons e toques ruins, incentivando-as a se comunicarem com um adulto de confiança caso se sintam desconfortáveis ou inseguras em relação a algum tipo de contato físico. Além de abordar a temática do abuso sexual, o livro também ensina sobre a importância da privacidade, da higiene e do autocuidado.

A autora Roseli Mendonça além de escritora é acadêmica de Psicologia na UFBA - Universidade Federal da Bahia e pesquisadora da temática “educação sexual e prevenção ao abuso sexual infantil” e busca ajudar famílias a preservarem a infância de suas crianças através de uma educação integral.

Figura 10: Apresentação do livro *Meu corpo, meu corpinho*



Fonte: *Meu corpo, meu corpinho*. (2019)

O livro é recomendado para crianças de 4 a 6 anos e foi publicado pela Editora Matrescência em 1 de janeiro de 2019. Este livro tem o formato quadrado, a capa não é dura, mas possui excelente qualidade. A capa é branca e apresenta uma ilustração colorida de vários

animais dando as mãos e formando uma roda. Ao abrir o livro, você verá que as páginas são grossas e resistentes, ideais para as mãos pequenas das crianças. Cada página apresenta uma ilustração grande e colorida. As ilustrações são acompanhadas de texto curto e simples, que explica a função e importância de cada parte do corpo e conscientiza a criança de quem pode tocar, olhar.

No geral, o livro *Meu corpo, meu corpinho* é um livro infantil bonito e bem produzido, com ilustrações coloridas e texto simples. Com uma narrativa curta, apresentada em 32 páginas, o livro mostra ter muito potencial para conscientizar às crianças sobre abuso sexual.

Durante a fase de pré-análise da pesquisa, o livro *Meu corpo, meu corpinho* foi categorizado dentro da categoria "Contra a violência (abuso/assédio)" devido à sua relevância nesse contexto, e sua escolha para análise se deve a imensa importância de dialogar com as crianças sobre a prevenção do abuso sexual. O livro pode ser uma ferramenta útil para auxiliar pais e professoras e professores a discutir o tema de forma adequada e acessível para as crianças. Os livros que “proporcionam às crianças representações da vida cotidiana, sendo especialmente úteis para o ensino sobre situações específicas e abordagem de temas embaraçosos e difíceis” (SOMA; WILLIAMS, 2014, p. 355)

A narrativa é utilizada no livro para abordar a temática da educação sexual infantil, especialmente no que diz respeito ao respeito ao próprio corpo e aos limites pessoais. A história se passa em um período não especificado de tempo, mas a narrativa apresenta uma sequência lógica de eventos e usa como personagens alguns animais. Dentro da temática do livro o uso de animais como personagens é bastante oportuno, pois possibilita trabalhar um tema bastante denso e pesado de uma forma lúdica.

Os animais como personagens tornam o livro mais atrativo para as crianças, que podem se identificar e se conectar emocionalmente com eles. A utilização de animais como personagem é uma prática comum em livros infantis, pois ajuda as crianças a compreenderem melhor as informações apresentadas, tornando a leitura mais prazerosa e interativa. Além disso, essa abordagem pode ser considerada uma estratégia didática, já que a utilização de personagens animais pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da cognição das crianças.

Em suma, a análise de conteúdo do livro *Meu corpo, meu corpinho* utilizando a categoria narrativa revela que a história utiliza uma narrativa simples e direta para abordar a temática da educação sexual infantil, apresentando elementos que podem contribuir para a formação de uma educação sexual que possibilite as crianças se protegerem, como podemos perceber no trecho: “São íntimas porque ninguém pode mexer ou dar palpite, nosso corpo é

importante. Temos regras e limites.” (MENDONÇA, 2019, s.p.) e, também, no trecho: “Na hora do banho ou quando troca de roupa, papai, mamãe, ou quem cuida de você, eles sim podem ver. Mas carinho ou cócegas, nas partes íntimas, ninguém pode fazer.” (MENDONÇA, 2019, s.p.)

Na exploração do material pudemos identificar algumas escolhas linguísticas feitas pela autora. Ela utiliza uma linguagem simples e acessível para se comunicar com as crianças, usando palavras e frases curtas e diretas. Ela também usa exemplos práticos e cotidianos, como o momento do banho e da troca de roupa, para explicar a questão da privacidade e da intimidade. Além disso, a autora usa a expressão "carinho ou cócegas", em vez de palavras mais técnicas ou abstratas, para falar sobre o abuso sexual. A escolha da expressão "carinho ou cócegas" pode ser uma forma de evitar a sexualização precoce e de enfatizar a importância do respeito e da privacidade do corpo.

A preocupação com a sexualização precoce das crianças é inclusive um dos argumentos usados por quem é contra uma educação sexual nas escolas, porém, como podemos observar com o livro *Meu corpo, meu corpinho*, isso não precisa ocorrer, na verdade a educação sexual pode ser uma ferramenta importante para lidar com a crescente erotização infantil promovida pelos meios de comunicação. Um trabalho de educação sexual adequado, comprometido com o desenvolvimento saudável da criança, pode trazer contribuições significativas para a infância, como explica Leão, Reis, Muzzeti (2014, p. 645):

[...] devido ao crescente processo de erotização da criança pelos diversos veículos midiáticos, conforme já se discutiu, ao contrário de ideias negativas sobre a sexualidade infantil, acredita-se que um trabalho bem elaborado de educação sexual na escola, comprometido sempre com o desenvolvimento da criança, traz contribuições importantes para a infância, principalmente, considerando que a sexualidade é algo inerente ao ser humano desde o seu nascimento.

A análise das ilustrações presente no livro pode revelar que as ilustrações contribuem para a compreensão e aprendizado das crianças sobre o corpo e a sexualidade de uma forma lúdica. Ao utilizar animais como personagens, o livro torna a abordagem sobre o corpo e a sexualidade mais lúdica e divertida para as crianças, e também contribui para uma educação sexual sem sexualização precoce. Ao utilizar animais como personagens, o livro evita a exposição direta da sexualidade humana, o que pode ser mais confortável para as crianças e também ajudar a preservar a inocência delas.

As ilustrações também contribuem para a mensagem de prevenção do abuso sexual, mostrando claramente quais são as partes do corpo que não devem ser tocadas por outras pessoas e destacando a importância de dizer "não" em situações de desconforto ou abuso.

Como mostra a Imagem 11, que vem acompanhando o trecho: “Sobre o seu corpo, para a sua proteção, você tem o poder de dizer não”. (MENDONÇA, 2019, s.p.)

Figura 11: Você tem o poder de dizer não



Fonte: Meu corpo, meu corpinho. (2019)

Através das ilustrações, as crianças podem aprender sobre as diferenças entre os sexos, a importância do autocuidado e da prevenção do abuso sexual, sem que isso seja associado a erotização, como é possível ver na Imagem 12. Em conclusão, as ilustrações desempenham um papel fundamental na transmissão das mensagens e na compreensão dos temas abordados.

Figura 12: Educação sexual sem erotização



Fonte: Meu corpo, meu corpinho. (2019)

O livro transmite diversas mensagens importantes relacionadas ao conhecimento do próprio corpo e à educação sexual das crianças. Com relação a prevenção do abuso sexual o livro aborda de forma cuidadosa e respeitosa a questão, apresentando dicas importantes para as crianças se protegerem e reconhecerem situações de risco. Isso é apresentado de forma clara e objetiva, contribuindo para a prevenção desse tipo de violência.

O livro, ao abordar a questão do consentimento e da prevenção do abuso sexual, empodera as crianças, contribuindo de forma gigantesca para um dos maiores problemas sociais que temos, o abuso infantil. É um material que busca proteger as crianças e garantir sua integridade é sem dúvidas uma grande ferramenta para a educação. Ao utilizar o livro em sala de aula, as professoras e os professores podem estimular a reflexão e o diálogo sobre temas sensíveis como o corpo e a sexualidade, contribuindo para uma formação mais completa e consciente das crianças.

4.6. *O CASACO DE PUPA* DA AUTORA ELENA FERRÁNDIZ

O casaco de Pupa, escrito e ilustrado pela autora Elena Ferrándiz e traduzido por Maria Krusero, conta uma história encantadora que narra a jornada de uma menina chamada Pupa, que guarda todos os seus medos em um casaco desde muito pequena. Seus medos são muitos: Medo dos outros, medo de si mesma, medo de dar um passo, medo de não avançar e muitos outros.

Com ilustrações lindas, profundas e expressivas, o livro apresenta a trajetória inspiradora de Pupa, mostrando que com o tempo, Pupa se sente cada vez mais sufocada e limitada pelo peso do casaco e decide enfrentar seus medos com coragem. Assim, ela começa a desapegar-se do casaco e enfrentar os medos um a um, até conseguir libertar-se completamente.

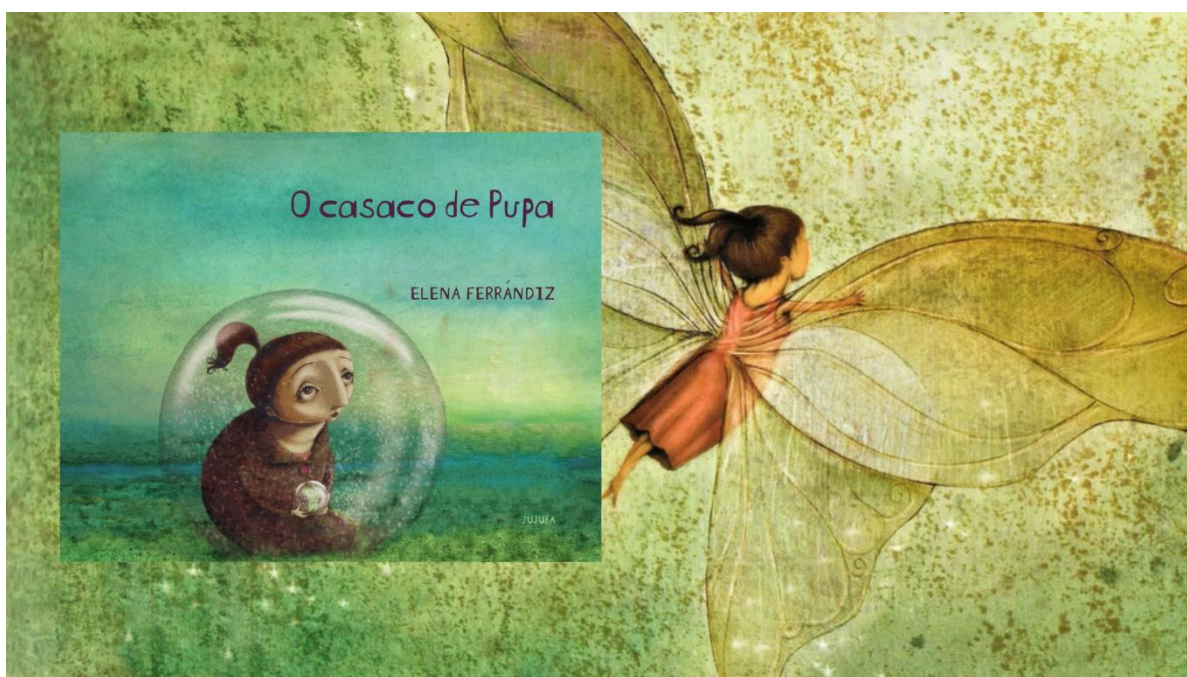
O livro é uma leitura inspiradora e emocionante para crianças e adultos, a obra se destaca por abordar um tema importante e que raramente é falado em livros infantis, o medo. Muitas vezes, as crianças são inundadas de histórias de aventuras e contos de fadas que retratam personagens sem medo ou que superam seus medos de forma rápida e fácil. No entanto, o medo é uma emoção natural e comum a todos nós, e muitas crianças podem sentir-se inseguras ou intimidadas em lidar com seus próprios medos.

Ao abordar o tema do medo de uma forma acessível e empática, *O Casaco de Pupa* ajuda as crianças a entender e enfrentar seus próprios medos. Além disso, a obra incentiva a

coragem e a resiliência, mostrando que é possível superar os medos com determinação e persistência.

A autora e ilustradora Elena Ferrándiz estudou Belas Artes na Universidade de Sevilha, onde se especializou em gravura. Desde então, ela tem combinado sua paixão pela literatura e arte. Elena cria livros repletos de metáforas e piscadelas visuais (pequenos segredos ou referências sutis que só são percebidas por observadores mais atentos), onde a imagem e a palavra se unem para dar vida ao seu universo particular. Suas obras são marcadas por uma combinação única de ilustração e texto, que resulta em histórias cativantes e emocionantes para leitoras e leitores de todas as idades.

Figura 13: Apresentação do livro O Casaco de Pupa



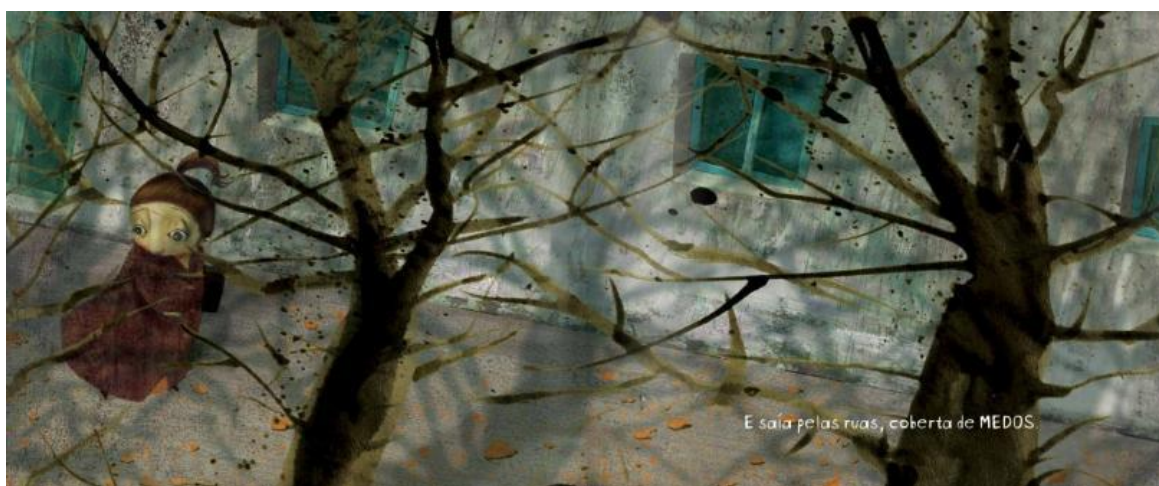
Fonte: O Casaco de Pupa (2011)

O livro é recomendado para crianças de 4 a 6 anos, mas consideramos que é uma excelente leitura também para crianças mais velhas. Foi publicado no Brasil pela Jujuba Editora, em 1 de janeiro de 2011. O livro tem um formato retangular, proporcionando uma sensação confortável de manuseio. Ao pegar nele percebemos que sua capa não é dura, mas possui uma gramatura maior que as outras páginas e não aparenta ser frágil. A capa é predominantemente azul e verde e possui da personagem principal, onde ela está dentro de uma bolha e aparenta estar com medo. As tonalidades da capa remetem a um sentimento de tristeza e insegurança, já mostrando um pouco sobre a temática da história.

Ao abri-lo, percebe-se que o papel é de alta qualidade, de uma espessura que garante que você possa folhear as páginas sem temer rasgos ou danos às folhas internas, a textura das páginas lembra a textura de uma revista.

A diagramação é cuidadosa e agradável. As ilustrações são detalhadas e evocam emoções, elas são um dos pontos fortes da obra e contribuem significativamente para a atmosfera emocional da história, ocupam a página toda, o texto se apresenta sempre sobre a ilustração, como mostra a Imagem 14.

Figura 14: Um elemento fundamental na construção da história



Fonte: O Casaco de Pupa (2011)

Focando na categoria de análise narrativa, podemos perceber que é centrada na personagem Pupa, uma menina que carrega seus medos em um casaco desde muito jovem. Através da história, acompanhamos a jornada de Pupa em sua tentativa de enfrentar e superar seus medos. A estrutura da história é clássica, com uma introdução que apresenta a personagem principal e a situação em que se encontra, um desenvolvimento que mostra os desafios enfrentados por Pupa e a resolução, onde a personagem encontra coragem e supera seus medos.

A história não apresenta outros personagens além de Pupa e a escrita de Elena Ferrándiz é clara e acessível, com frases curtas e uma linguagem simples e direta, mas ao mesmo tempo poética e cheia de metáforas, como por exemplo: “Toda manhã a menina metia-se no casaco de medos que usava desde pequenina e foi crescendo com ela.” (FERRÁNDIZ, 2011, s.p.)

Outro aspecto interessante da linguagem utilizada no livro é que como Pupa é a única personagem, não há presença de diálogo, a história é contada em terceira pessoa. A linguagem utilizada no livro também tem um forte caráter simbólico, com diversos elementos que

representam os medos e as emoções de Pupa. Além disso, é interessante notar como as imagens são bastante expressivas e transmitem as emoções da personagem de forma clara.

As ilustrações de Elena Ferrándiz desempenham um papel fundamental na narrativa. Elas complementam o texto e ajudam a transmitir a atmosfera emocional da história, reforçando a mensagem e as emoções de Pupa. Como em um trecho em que se fala sobre o medo de pupa do futuro, na escrita apenas está a frase: “Medo do futuro” (FERRÁNDIZ, 2011, s.p.), mas a ilustração fala muito e demonstra o quanto esse medo é grande para Pupa, observe na Imagem 15.

Figura 15: As ilustrações do livro falam mais que suas palavras



Fonte: O Casaco de Pupa (2011)

As imagens apresentam uma grande quantidade de detalhes, com elementos que enriquecem a narrativa e ajudam a contar a história de forma visual. A autora utiliza elementos simbólicos, como borboletas e pássaros, para reforçar o tema central da obra, que é a transformação da protagonista Pupa em uma criança livre e corajosa, capaz de enfrentar seus medos.

As ilustrações também se destacam pela habilidade da autora em transmitir emoções e sentimentos através de expressões faciais e posturas corporais da personagem, criando um diálogo visual com o texto escrito, realmente conseguimos visualizar os medos de Pupa, e até sentir eles junto com ela. A utilização de sombras e luzes também é bastante explorada, criando um jogo de luz e sombra que ressalta o contraste entre o mundo imaginário e o mundo real.

Também é possível analisar a forma como a autora utiliza as cores nas ilustrações, Pupa está sempre em tons escuros, um elemento usado pela autora para expressar as emoções de medo da protagonista, Pupa. Em muitas das ilustrações, o fundo é predominantemente escuro, criando uma atmosfera de tensão e ansiedade, observe na Imagem 16.

Figura 16: Usando cores para expressar emoções



Fonte: O Casaco de Pupa (2011)

Além disso, em outra ilustração, a cena em que Pupa se livra de seus medos o fundo escuro é substituído por uma iluminação mais suave e acolhedora, simbolizando a coragem e a libertação da personagem, como mostra a Imagem 17.

Figura 17: Pupa também chamada de crisálida, é o estágio intermediário entre a larva e o adulto



Fonte: O Casaco de Pupa (2011)

A mensagem transmitida pelo livro *O Casaco de Pupa* é extremamente importante para a educação de crianças, pois ensina a importância de enfrentar os medos e superar os desafios. Ao longo da história, Pupa aprende a lidar com seus medos e a tomar suas próprias decisões, o que mostra às crianças que elas também podem fazer o mesmo.

Além disso, a mensagem do livro é um sinônimo de empoderamento feminino, pois a protagonista é uma menina que aprende a superar suas inseguranças e a confiar em si mesma. A autora Elena Ferrándiz, por meio de Pupa, incentiva as meninas a enfrentarem seus medos e a acreditarem em suas próprias habilidades, o que é extremamente importante para o desenvolvimento da autoconfiança e da autoestima feminina.

Assim, a mensagem transmitida pelo livro *O Casaco de Pupa* é fundamental para a educação de crianças, especialmente para as meninas, pois incentiva o empoderamento feminino e a construção da autoconfiança e da autoestima. Através da história de Pupa, as crianças podem aprender que é possível superar os medos e tomar suas próprias decisões, o que é um importante passo para o desenvolvimento pessoal e emocional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo; mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.”

Chimamanda Ngozi Adichie

Ao longo desta pesquisa, foi possível constatar as imensas possibilidades da literatura infantil para uma educação feminista, especialmente quando se trata de livros que apresentam protagonistas femininas fortes e independentes, capazes de questionar as normas de gênero e lutar por seus direitos.

E como mencionado ao longo do trabalho, a escola tem um papel fundamental no processo de formação do sujeito e consciência das questões sociais, portanto, deve ser um espaço de questionamento e subversão das desigualdades. Desse modo, é fundamental que a nossa prática educativa se dê de forma consciente e crítica na educação, para que as crianças sejam incentivadas a realizarem questionamentos e a transformações sociais.

Nesse sentido, os livros infantis analisados neste estudo mostraram-se excelentes possibilidades para a promoção de uma educação feminista, que valoriza a diversidade e o empoderamento das meninas e a desconstrução do sexismo nas crianças.

Os cinco títulos de literatura infantil selecionados para a análise nesta pesquisa, *Princesas em greve* de Thais Linhares, *Meu corpo pode* de Katie Crenshaw, *A história de Malala Yousafzai* de Joan Marie Galat, *Meu corpo, meu corpinho* de Roseli Mendonça e *O casaco de pupa* de Elena Ferrándiz, apresentarem narrativas que promovem a desconstrução de estereótipos de gênero e abordam a diversidade étnica, cultural e física.

Princesas em greve é um livro que apresenta princesas cansadas de serem tratadas como donzelas em perigo e decidem que é hora de mudar isso. A obra questiona a ideia de que as mulheres são frágeis e incapazes, incentivando as crianças a se libertarem dos papéis de gênero impostos pela sociedade.

Já *Meu corpo pode* explora a diversidade corporal, mostrando que todos têm habilidades e limitações diferentes, mas igualmente valiosas. O livro incentiva a desconstrução do padrão de beleza, uma das ferramentas do patriarcado.

A história de Malala Yousafzai conta a história real de uma menina paquistanesa que lutou pelo direito à educação das mulheres, enfrentando perigos e desafios. O livro aborda a

discriminação de gênero e o ativismo pela igualdade de direitos, inspirando as crianças a se engajarem em questões sociais importantes.

Meu corpo, meu corpinho aborda a prevenção do abuso sexual e a importância do respeito ao corpo e à privacidade para a criança. Através de uma narrativa bastante lúdica o livro se torna precioso para informar a criança do seu poder sobre o próprio corpo e como se proteger.

Por fim, *O casaco de pupa*, um livro que aborda muito bem a temática medo, tratando de forma linda e delicada a jornada de Pupa para superá-lo. Reconhecer e trabalhar nossas emoções também é empoderamento, pois proporciona confiança e independência. Através da jornada de Pupa é possível dialogar com as crianças para que elas reconheçam e enfrentem seus próprios medos, lidem com suas emoções.

Todas essas obras têm em comum o fato de apresentarem narrativas que incentivam a diversidade, o questionamento e a mudança social, em oposição aos estereótipos e padrões opressivos. Ao oferecer essas narrativas às crianças desde cedo, podemos contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de se engajarem em lutas por justiça e igualdade.

É importante que as escolas e os professoras e professores estejam cientes de que as escolas não apenas constroem conhecimentos, a escola é um ambiente de socialização que forma sujeitos, e essa questão torna essencial que nós professoras e professores estejamos atentos aos materiais pedagógicos que iremos utilizar, incluindo a literatura infantil, e trabalhemos para promover uma educação mais inclusiva e igualitária. Devemos garantir que a escola possa ser um espaço de empoderamento e emancipação, como Malala Yousafzai afirma: "Entendi que educação era mais do que ler e escrever. Era sobre empoderamento e emancipação."

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.
- ALVES, B. M; PITANGUY, J. **Feminismo no Brasil: memórias de quem fez acontecer**. Bazar do Tempo, 2022.
- As mulheres inventaram e reinventam a agricultura**. Jornal Século Diário, São Paulo, 14 de abr. de 2017. Disponível em: <<https://www.seculodiario.com.br/meio-ambiente/as-mulheres-inventaram-e-reinventam-a-agricultura>>. Acesso em: 14 de fev. de 2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1949] 1980.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC, SEF, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, MEC, SEF, 1997.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024 - PNE/Ministério da Educação**. Brasília, DF: INEP, 2014.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010
- CAMPOS, M. C. **Brinquedos e jogos na educação infantil**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura: Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CASTANHA, M. A linguagem no livro sem texto. In: OLIVEIRA, I. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. 1. ed. São Paulo, DCL, 2008 p. 141-160.
- CRENSHAW, K; MESCHKE, A. **Meu corpo pode**. São Paulo: Grupo Editorial Record, 2022.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, S.; CASTRO, M. **O Processo de Letramento na Educação Infantil**. *Pedagogia em Ação*, v. 2, n. 2, p. 79–85, 2010.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, C. M. L. (Org.). **Estudos de gênero e educação: contribuições para uma formação crítica de professores(as)**. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

- CUBAS, M. G.; ZAREMBA, J.; AMÂNCIO, T. **Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento.** Folha de São Paulo, 9 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento.shtml>. Acesso em: 09 jan. 2023.
- D'EAUBONNE, Françoise. **As mulheres antes do patriarcado.** Lisboa: Editorial Vega, 1977.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FAÇANHA, M. A. **E se te contassem outra História: gênero e feminismo no ensino de História.** 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ensino de História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2019.
- FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução.** Trad. Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2019.
- FERRÁNDIZ, E. **Elena Ferrándiz, biografia.** Disponível em: <https://elenaferrandiz.com/>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- FERRÁNDIZ, E. **O Casaco de Pupa.** São Paulo: Jujuba Editora, 2011.
- FRANCO, M. A. S. **Análise de conteúdo.** Brasília: Liber Livro, 2008.
- FREITAS, M. J. T. **A construção da identidade feminista de homens: um caso pioneiro no Brasil.** Monografia (Graduação em Pedagogia), Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2016. 146 p.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 11^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 60.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** Olho d'Água, 1993.
- GALAT, J. M. **About Joan.** Disponível em: <https://www.joangalat.com/about-joan/>. Acesso em: 26 fev. 2023.
- GALAT, J. M. **A História de Malala Yousafzai.** - 1. ed. - São Paulo: Astral Cultural, 2021.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GRZYBOVSKI, D; MOZZATO, A. R. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios.** ANPAD, Curitiba, v. 15, ed. 4, p. 731-747, 2011.

GOMES, L. D. **A origem do patriarcado: da veneração à opressão da mulher.** In: 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2019, Brasília - DF. Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Brasília – DF.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Roda dos Tempos, 2018.

KLEIN, R.; ROWLAND, R. **Feminismo Radical: História, Política, Ação.** Disponível em: <<https://materialfeminista.milharal.org/files/2013/07/Feminismo-Radical-História-Política-Ação-Robyn-Rowland-e-Renate-Klein-parte.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

LEÃO, A. M. C; REIS, F; MUZZETI, L. R. **Sexualidade e infância: contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículos midiáticos.** Contrapontos, v. 14, n. 03, p. 634-650, 2014.

LENDO JUNTO. **Extra! Extra! Greve no reino dos contos de fadas!** [Fotografia]. Instagram, @lendojunto, 27 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CZOxDKPrqyk/>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

LINHARES, A. M. **O lugar (ou o não lugar) da mulher no ensino de história?** In: NUNES, F. A. (org). História e ensino por historiadores: Lugares, sujeitos e contextos. 1ª ed. – Maringá: Viseu, 2020.

LINHARES, T. **Princesas em greve.** São Paulo: Cortez, 2019.

LINHARES, T. **Sobre mim.** Disponível em: <<https://thaislinhares.portfolio.site/about>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

LOURO, G, L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

LUIZATO, C. **Contexto de letramento: é possível trabalhar com produção de texto na Educação Infantil.** Leopoldianum - revista de estudo e comunicação, v. 28, n. 78, p. 71-73, jun. 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** Atlas, 2017.

MELO, M. L; RODRIGUES, D. S. **Estudo sobre análise de discurso como procedimento metodológico na pesquisa documental.** Educação, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 45, p. 1-21, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/34018>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MENDONÇA, R. **Infância Preservada.** Disponível em: <<https://roselimendonca.com.br/infa>>

ncia-preservada-desc-off/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

MENDONÇA, R. **Meu corpo, meu corpinho**. 1. ed. Editora Matrescência, 2019.

NEVES, C. M. et al. **Imagem corporal na infância: uma revisão integrativa da literatura**. Revista Paulista de Pediatria, v. 35, p. 331-339, 2017.

OLIVEIRA, M. M. S. **Leitura Literária na Educação Infantil: entre saberes e práticas**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de fora. 2017. 192 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Folha Informativa – violência contra as mulheres**. 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 09 jan. 2023.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Tradução Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PLAN INTERNATIONAL. **Por ser menina no brasil: Crescendo entre direitos e violências**. 2014. Disponível em: < <https://plan.org.br/por-ser-menina/>>. Acesso em: 09 jan. 2023.

PÍCOLI, I.S.V. **Coisa de menina, coisa de menino: Representações de gênero nas obras de Ana Maria Machado**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários), Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de fora. 2016. 126 p.

ROVAI, M. G. O.; MONTEIRO, L. N. **História das Mulheres e História Pública: desafios e potencialidades de um ensino posicionado**. In: Revista eletrônica história em reflexão, Mato Grosso do Sul, v.14, n.27, p.206-230, Jan./Jun. 2020.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SAVIANI, D. (2015) **O conceito dialético de mediação na Pedagogia Histórico-Crítica em intermediação com a Psicologia Histórico-Cultural**. In: Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 7, n. 1, jun.

SILVA, D. M. **Gênero e orientação sexual na base nacional comum curricular**. In: Anais Educon, São Cristóvão, Sergipe, v. 14, n. 5, p. 1-17, set. 2020.

SINOPSE DO LIVRO "MEU CORPO PODE". In: **Meu corpo pode**. São Paulo: Grupo Editorial Record, 2022. Disponível em: <<https://www.record.com.br/produto/meu-corpo-pode/>>. Acesso em: 25 fev. 2023.

SOARES, M. **Alfabetização: a ressignificação do conceito**. In: Alfabetização e cidadania. Revista de Educação de Jovens e Adultos, n. 16, São Paulo, 2003.

SOUSA, J. R.; SANTOS, S. C. M. **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer.** Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, jul.-dez.2020.

SOMA, S. M. P; WILLIAMS, L. C. A. **Livros infantis para prevenção do abuso sexual infantil: Uma revisão de estudos.** Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, p. 353–361, 2014.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.

UTTA, B. P.; UTTA, A. K. S. A.; GONZALEZ, F. H. **O Materialismo Histórico Dialético Como Método Para A Pesquisa Em Educação.** In: Vi Congresso Nacional De Educação, 2019, Fortaleza - CE. Anais Do Vi Congresso Nacional De Educação. Fortaleza - CE: Realize, 2019. V. 1. P. 1

YOUSAFZAI, M. **Eu sou Malala: A história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

